

PHILIPS

Healthcare IT

ANO 7 - Nº 18 2018

GUERRA ao desperdício



Distribuição Gratuita • Venda Proibida

Como os processos *LEAN* estão impactando a gestão em saúde com resultados surpreendentes



Instituto Brasileiro de
Controle do Câncer



Unidade de Hematologia e Transplante de Células- Tronco Hematopoiéticas

IBCC está capacitado
para realizar qualquer
tipo de transplante:
autólogo, alogênico e
singênico.

TRÊS UNIDADES - MOOCA / JAÇANÃ / ITU
MAIS UNIDADES EM EXPANSÃO

PRINCIPAIS TRATAMENTOS:

Quimioterapia, Radioterapia, Iodoterapia, Cirurgia,
Quimioembolização, Transplante de Medula
Óssea, Medicina Nuclear.

PRINCIPAIS ESPECIALIDADES ONCOLÓGICAS:

Mastologia, Hematologia, Oncologia Clínica,
Ginecologia, Urologia, Cirurgia de Cabeça e Pescoço,
Tumores Cutâneos e Partes Moles, Cirurgia do Tórax,
Cuidados Paliativos e Aconselhamento Genético.

Av. Alcântara Machado, 2.576 - Mooca - São Paulo (SP)
11 3474.4222 www.ibcc.org.br



Letícia Baltazar
EMR Tasy Business Leader Brazil

Índice

4 Visão do **MERCADO**

24 TI na **SAÚDE**
Glaucio Erlei de Souza

26 **CASES** que Inspiram

44 **ESPECIAL** de Capa

48 **INOVAÇÃO**

54 Acontece na **Philips**

Prezado leitor,

Instituições em todo o mundo precisam de processos mais lean. Não é apenas uma tendência, mas uma necessidade que impulsiona negócios de todos os setores em busca de menos desperdício e mais efetividade.

O especial de capa desta edição é uma reflexão sobre como as instituições de saúde podem melhorar os seus processos tornando-os cada vez mais *lean*. Mas este é um grande caminho a se percorrer e a tecnologia da informação é um dos principais veículos que ajuda as instituições a percorrer de forma mais efetiva o percurso em busca de menos desperdício.

Glaucio Erlei de Souza, assessor de Planejamento e Filantropia do Hospital Nossa Senhora das Graças, comenta em seu artigo que o sistema de gestão em saúde Tasy, da Philips, contribui diretamente na promoção de processos mais enxutos, trazendo agilidade, segurança e qualidade às rotinas do hospital.

A transformação digital torna-se, também, um grande diferencial para os clientes do Tasy. Leia o case do Hospital Márcio Cunha, que atingiu o nível 7 da HIMSS em 2017; como o Hospital Santa Paula utiliza o Tasy para o atendimento de todo o fluxo oncológico; a detecção precoce de sepse por meio do Tasy no Hospital Unimed Rio; como a Perinatal se destaca no segmento materno-infantil; e, por fim, o case do Hospital Santa Catarina de Blumenau sobre a checagem das refeições.

A edição 18 da Revista Healthcare IT também tem um espaço dedicado a artigos e novidades dos patrocinadores do evento Connect Day 2017, com informações de mercado, tendências e transformações que se destacam atualmente em todo o mundo.

Fechamos a edição com as inovações mais relevantes das nossas soluções: novidades sobre o Tasy para operadoras de planos de saúde e Intellispace Portal, uma ferramenta avançada que ajuda especialistas no diagnósticos das doenças.

Excelente leitura a todos!

Expediente

A revista Healthcare IT é uma publicação da Philips destinada ao mercado da saúde. Sua distribuição é gratuita. O conteúdo dos artigos é de responsabilidade de seus respectivos autores e não corresponde, necessariamente, à opinião da empresa. **Corpo Editorial:** Ayla Evaristo, Camila Missel, Delson Langaro, Enedir Zimmermann, Gisélle G Olimpio, Márcio Ferro. **Editora:** Gisélle G. Olimpio, **Líder de Marketing e Vendas:** Cesar Giannotti. **Capa e Diagramação:** PRO Comunicação • Rafael Gammara, **Foto Capa:** Shutterstock.



9 fatores críticos de sucesso para o Hospital Digital

Conheça a jornada para transformação do hospital: do papel ao *paperless*

Texto: Dr. Cláudio Giulliano Alves da Costa, MD, MSc, CPHIMS e CEO da FOLKS Consultoria

Seja como coadjuvante ou até mesmo como elemento principal, a TI tem transformado positivamente a área de Saúde. O hospital digital traz enormes benefícios: redução de custos, aumento da eficiência, melhoria do atendimento e aumento da segurança do paciente.

O modelo da HIMSS orienta essa jornada ao preconizar tecnologias até o seu máximo estágio 7. Além das questões tecnológicas, aspectos como liderança, planejamento, engajamento e treinamento são fatores que garantem o sucesso na busca pelo hospital digital.

O que é um Hospital Digital

Não há um conceito específico e consensuado sobre *Hospital Digital*. Em linhas gerais, é uma instituição com ampla e intensa utilização da tecnologia da informação na operação, assistência e gestão". Possui toda a sua informação em formato digital: um hospital *paperless* e *filmless*. Além disso, possui o circuito fechado da administração dos medicamentos em todas as unidades do hospital, com checagem à beira do leito para tudo que é administrado ao paciente. O apoio à decisão clínica é outro componente essencial para a instituição. Finalmente, o hospital digital deve ser também um *data-driven* hospital, com *analytics* para propiciar uma tomada de decisão baseada em informações.

Para garantir alta disponibilidade, um hospital digital deve possuir uma infraestrutura computacional que suporte uma operação 24 x 7. O hospital digital deve ainda contar com uma equipe de TI altamente qualificada e especializada para garantir todo o suporte necessário e ainda impulsionar grandes inovações.

Caminhos para o Hospital Digital

Como se tornar um hospital digital? Essa indagação é extremamente relevante pois vários hospitais já investiram milhões e continuam em um nível de informatização mediano, sem ferramentas avançadas e, por vezes, sem obter os benefícios do hospital digital.

Os melhores guias de transformação digital na área de Saúde são os modelos de maturidade da HIMSS. Por exemplo, o EMRAM (Electronic Medical Record Adoption Model) preconiza sete estágios evolutivos em busca do hospital digital, com a crescente adoção do prontuário eletrônico e tecnologias correlatas. O EMRAM funciona também como uma acreditação hospitalar, especialmente para os estágios 6 e 7, com a visita de auditores da HIMSS

que confirmam a aderência ao modelo e certificam o hospital. Veja, a seguir, um resumo sobre os sete estágios do EMRAM. Atualmente, no Brasil há apenas três hospitais no estágio 7 e cerca de 20 hospitais no estágio 6. *Dados Dezembro 2017.

Fatores Críticos de Sucesso

Alcançar o estágio 7 da HIMSS e ser um hospital digital não é simplesmente adotar tecnologias, ou seja, não há garantia de sucesso se a instituição simplesmente considerar a dimensão adoção. É fundamental que outros aspectos e dimensões sejam considerados nessa jornada de transformação digital:

1 Liderança: é fundamental uma forte liderança no processo de implantação das ferramentas de TI. Devem conquistar pessoas, formar disseminadores e influenciadores (*local champions*). Inicie pelos departamentos e setores mais próximos da tecnologia, criando massa crítica e usuários reais do sistema. Nada melhor do que um colega médico explicar o sistema, suas vantagens e seus recursos para um outro colega.

2 Planejamento: o projeto de um hospital digital é extremamente complexo. É multidisciplinar, com vários fornecedores envolvidos e com a participação efetiva de todos os setores da instituição. Para garantir sucesso, planejar é indispensável. A instituição deve contar com uma gestão de projetos de excelência, um *quality assurance* que garanta a qualidade das entregas, um gerenciamento de recursos que mantenha o projeto dentro do orçamento e, finalmente, uma gestão de riscos que possa identificar e mitigar eventuais problemas.

3 Engajamento: todos os profissionais do hospital devem estar engajados. O hospital digital não deve ser um projeto de TI. Da diretoria aos profissionais que estão na ponta, todos devem participar ativamente do projeto, desde a sua concepção até a finalização, com atividades de acompanhamento, ciclos de melhoria contínua e capacitação constante.

4 Usabilidade: o PEP (Prontuário Eletrônico do Paciente) deve ser muito amigável, fácil de usar, pois em geral os profissionais que irão utilizá-lo não são *experts* em TI. O sistema deve aumentar a produtividade e não atrapalhar o atendimento ao paciente.

5 Mudança nos processos e estrutura organizacional: prepare-se para rever os seus processos e até mesmo mudanças na estrutura organizacional. Não "informatize o papel", repense o seu processo. Gerencie os conflitos, controle os ânimos e faça as mudanças necessárias.



Foto: Divulgação

6 Valor para o profissional de saúde: o sistema não pode burocratizar e aumentar o trabalho do profissional de saúde. O sistema deve “entregar valor” ao profissional de saúde, reduzindo resistências e aumentando a sua aderência ao sistema.

7 Otimização da documentação clínica: ao adotar o prontuário eletrônico, evite formulários com muito texto livre. Adote tecnologias como o autopreenchimento de informações, permitindo que, por exemplo, sinais vitais e exames laboratoriais sejam incorporados automaticamente na evolução clínica do paciente. Incorpore ferramentas de apoio à decisão clínica diretamente ao documento clínico, disparando alertas e oferecendo condutas de acordo com o caso do paciente.

8 Infraestrutura: prepare a sua infraestrutura computacional (servidores, desktops e rede) para suportar o volume crescente de utilização. Nada pior que um sistema lento e que com frequência fica indisponível (off-line).

9 Treinamento e Suporte Técnico: o PEP pode ser o mais moderno, mais inovador, com uma arquitetura fantástica, e o seu hospital pode ter uma infraestrutura perfeita, mas se o usuário não sabe usar e não tem apoio técnico, esqueça: o seu PEP não funcionará. Assim, invista tempo e recursos no treinamento dos usuários e disponibilize uma equipe capacitada para o suporte técnico dos problemas do dia a dia.

Em seu projeto, considere os aspectos mencionados neste artigo, utilize métodos adequados, trabalhe com profissionais competentes e faça a diferença! **A jornada para o hospital digital é longa, mas vale a pena!**

Para questões ou comentários, envie e-mail para claudio@folkstic.com



Patrocinador Connect Day 2017



As vantagens da cloud para um hospital

Do agendamento de consultas até o relacionamento entre médicos e pacientes, a tecnologia em nuvem revoluciona o atendimento nos hospitais

Texto: Amazon



Foto: Divulgação



A indústria da saúde é uma das mais atentas às inovações tecnológicas e, não à toa, tem investido cada vez mais em inovação e em TI. Segundo a pesquisa Globo Innovation 1000, da PwC, esse foi o segundo setor que mais investiu em tecnologia em 2017 e espera-se que seja líder de investimentos em 2018.

Para garantir agilidade, segurança e praticidade no cuidado com a saúde, diversas empresas da área já apostam na computação em nuvem. Elas utilizam a rapidez e o poder de processamento das operações em nuvem para armazenar e processar dados médicos, melhorando o dia a dia nos hospitais, desde o atendimento dos pacientes que se torna mais ágil e assertivo devido ao histórico de cada um, até a pesquisa por novos tratamentos. Além disso, a adoção de novas tecnologias, como Big Data, Inteligência Artificial e IoT, traz novos produtos e recursos para o atendimento hospitalar, revolucionando o cuidado médico e mudando totalmente a relação entre hospitais e pacientes nos próximos anos.

Superando barreiras em pesquisas

A Philips é uma das empresas que aposta nas soluções que integram os cuidados com a saúde com a tecnologia em nuvem para melhorar o atendimento médico e a experiência em todas as pontas. Em parceria com a Amazon Web Services (AWS), a empresa mantém a Philips Healthsuite, uma plataforma conectada de monitoramento de saúde, pela qual passam cerca de um petabyte de dados - o equivalente a mil terabytes - todos os meses. Essas informações chegam de mais de 100 países e são enviadas por cerca de 390 milhões de fontes de dados. Como resultado, mais de 970 milhões de pessoas em mercados emergentes já tiveram seus diagnósticos impactados e mais de um milhão de pacientes têm sua saúde monitorada de casa graças aos mais de 450 produtos e serviços criados em AWS pela Philips.

Além do uso em hospitais, a Philips Healthsuite permite ainda que cada pessoa fique de olho na própria saúde, conectando smartphones e outros dispositivos inteligentes à nuvem e garantindo um acompanhamento simultâneo da saúde, seja pelo próprio usuário, seja pelo seu médico. Assim, é possível fazer o monitoramento do paciente à distância, com dados atualizados em tempo real de informações diversas que vão desde a quantidade de passos dados até a qualidade da respiração.

Outro parceiro da AWS que aposta na computação em nuvem para suas pesquisas de doenças e tratamentos é o Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa (IEP), que recentemente firmou uma cooperação estratégica com a AWS para realizar projetos de inovação e desenvolvimento na área da saúde. Para eles, é essencial ter agilidade, elevado poder de processamento e capacidade de armazenamento: o DNA de cada pessoa tem o equivalente a 3 gigabytes de dados, e é preciso identificar as menores diferenças no genoma para avançar nas pesquisas.

Ainda se junta o acesso ao maior banco de dados de DNA do mundo, que contabiliza mil Genomes, com 3 terabytes de informação genética de 2,5 mil indivíduos. O resultado é um volume exorbitante de dados que, ao serem relacionados, podem ajudar a fornecer maior assertividade nos diagnósticos e um tratamento individualizado, sem contar o avanço em pesquisas diversas na área da saúde.

Organização e agilidade no dia a dia

Do lado administrativo, a computação em nuvem também traz vantagens para os hospitais e empresas de saúde. Além dos ganhos em agilidade e poder de processamento, essa tecnologia também garante mais segurança na proteção de dados e economia de recursos, já que, com a elasticidade da nuvem as empresas dispensam o investimento em datacenters físicos e pagam apenas pelo que utilizarem.

O dr. consulta tem visto essa vantagem na prática desde a migração de sua infraestrutura de TI para a AWS. Com essa mudança, conseguiu dobrar o número de atendimentos efetuados pelos médicos da rede em apenas seis meses, sem contar os ganhos em agilidade e performance. Com a automação da nuvem, a empresa conseguiu a autonomia para que todo novo recurso fosse implementado em tempo real, além de atender às demandas, especialmente em momentos de pico, que costumavam perder desempenho e, consequentemente, afetar a experiência dos pacientes.

Confiante no potencial da computação em nuvem, o dr.consulta pretende investir ainda mais em TI para agilizar as consultas, sem perder qualidade no atendimento médico. Para isso, tecnologias como Analytics e Data Science estão nos planos da empresa, para antecipar as demandas e necessidades dos clientes. Além delas, também tem intenção de implementar serviços de Internet das Coisas (IoT), que agilizarão ainda mais os atendimentos, melhorando a experiência dos pacientes.

Referência:

PwC Brasil (Pesquisa Globo Innovation 1000)

<https://www.pwc.com.br/pt/sala-de-imprensa/noticias/investimentos-globais-pesquisa-inovacao-ultrapassam-us700bilhoes-mostra-global-innovation-1000.html>



Patrocinador Connect Day 2017



Avaliando a terapia medicamentosa: a prática do farmacêutico clínico

Equipe multiprofissional ajuda a garantir o cuidado do paciente e a redução de erros de medicação

Texto: Jorge Siqueira, farmacêutico Dot.Lib, distribuidor autorizado da Truven Health Analytics, parte de divisão IBM Watson Health



Foto: Banco Philips

- Bom dia, doutor! Eu estava avaliando a prescrição do paciente do leito 1203 e vi que ele está em uso de alopurinol 600mg/dia para gota. A creatinina sérica dele acabou de sair, e o clearance deu 18mL/min. Pelas recomendações, creio que cabe uma redução de dose. Acha viável?

- Tem razão! Vamos rever essa dose. Esse paciente já teve histórico de prurido e outras reações ao alopurinol, então melhor não arriscarmos, né?

Essa conversa fictícia acontece com frequência entre farmacêuticos e médicos nos serviços de saúde, no Brasil e no mundo. Essa colaboração auxilia com os eventos adversos a medicamentos evitáveis (EAM), ajudando a garantir a segurança do paciente e melhora do cuidado.

O cenário da terapia medicamentosa atual envolve o manejo de diversos pacientes simultaneamente, comorbidades, novos medicamentos e regimes terapêuticos complexos. Novos cenários, porém, geram novos problemas, e os erros de medicação e EAM são os principais.

O fardo do médico com o processo de diagnóstico e prescrição e da equipe de enfermagem com gerenciamento e administração dos medicamentos é grande. O farmacêutico clínico, como é conhecido, se insere na equipe multiprofissional para ajudar a aliviar esse fardo e assume a função de auxiliar na redução dos erros de medicação e EAM, focando na otimização da terapia medicamentosa.

Essa prática é relativamente nova. Em 1999, Leape *et al* publicou um trabalho no JAMA mostrando a redução da taxa de EAM evitáveis em prescrição de uma UTI do Massachusetts General Hospital nos EUA. A taxa de EAM evitáveis em prescrição por 1000 pacientes/dia diminuiu em 66%; de 10,4 para 3,5 ao ter um farmacêutico participando das rondas do time da UTI, com uma estimativa de redução de custos de US\$ 270,000/ano.¹

Desde então, muitos trabalhos têm sido publicados estudando a atuação do farmacêutico clínico na equipe de saúde e seus benefícios, inclusive para condições clínicas específicas. Recentemente, em 2017, Stough e Patterson discutiram a função e o valor da farmácia clínica no manejo da insuficiência cardíaca, pontuando ações de foco do farmacêutico, como otimizar doses de diuréticos, ajustar doses pelas considerações farmacocinéticas, monitorar reações adversas e educar o paciente.²

Instituições de acreditação hospitalar, como a Joint Commission, já incluem a prática da Farmácia Clínica como essencial para auxiliar na redução dos erros de medicação.³



Foto: Banco Philips

A Healthcare Information and Management Systems Society (HIMSS) também entende essa necessidade e recomenda que os prontuários e prescrições eletrônicos alertem os profissionais de saúde com mensagens de segurança do paciente, como interações medicamentosas.⁴

O que o farmacêutico clínico avalia em uma prescrição nova ou já existente? A literatura médica é repleta de trabalhos discutindo modelos e métodos de avaliação da prescrição pelo farmacêutico. Dependendo da situação clínica do paciente, a avaliação pode ter grande complexidade, como a discutida no modelo do FASTHUG-MAIDENS, para pacientes de UTI, que utiliza o mnemônico FASTHUG-MAIDENS para guiar um processo estruturado de avaliação e identificação e problemas relacionados a medicamentos.⁵

Além do nome do paciente, idade e urgência do medicamento, a avaliação da prescrição deve incluir algumas considerações clínicas adicionais importantes. A lista abaixo não compreende todas as perguntas que podem ser feitas em uma avaliação, mas pode dar um norte ao farmacêutico que se inicia na prática da farmácia clínica.

- Os medicamentos prescritos têm uma indicação clínica clara?
- As doses estão adequadas dadas as indicações clínicas?
- Ajustes de dose (renal, hepático, geriátrico, uso concomitante de outros medicamentos etc. são necessários?
- Há diagnósticos/problemas de saúde que não estão sendo tratados?
- A reconciliação medicamentosa foi realizada?
- Há interações medicamentosas?
- O paciente está tendo alguma reação adversa?
- O que preciso monitorar para avaliar eficácia e toxicidade dos medicamentos prescritos?
- O paciente tem adesão à terapia?

Cada uma dessas perguntas é o princípio de um processo que colocará o farmacêutico no gerenciamento efetivo da terapia medicamentosa do paciente. Essas perguntas irão gerar novas discussões com os outros profissionais da equipe multiprofissional, e são necessárias para se garantir a segurança e a satisfação do paciente.

Referências

1. Leape LL, Cullen DJ, Clapp MD, et al. Pharmacist participation on physician rounds and adverse drug events in the intensive care unit. JAMA 1999;282(3):267-70
2. Stough WG, Patterson JH. Role and Value of Clinical Pharmacy in Heart Failure Management. Clin Pharmacol Ther. 2017 Aug;102(2):209-212.
3. National Patient Safety Goals Effective January 2017 – The Joint Commission. In < https://www.jointcommission.org/assets/1/6/NPSG_Chapter_HAP_Jan2017.pdf>. Acessado em 21 de novembro de 2017.
4. Clinical Decision Support and Meaningful Use/HIMSS. In <http://www.himss.org/library/clinical-decision-support/meaningful-use>. Acessado em 21 de novembro de 2017.
5. Mabasa VH et al. A Standardized, Structured Approach to Identifying Drug-Related Problems in the Intensive Care Unit: FASTHUG-MAIDENS. Can J Hosp Pharm. 2011 Sep-Oct; 64(5): 366–369.



A avaliação do corpo clínico no escopo da gestão

O engajamento do time assistencial e a sustentabilidade do negócio em saúde

Texto: Cesar Luiz Abicalaffe, CEO da 2iM

Originada no ambiente da religiosidade, da beneficência, da filantropia e até mesmo do militarismo, a instituição hospitalar, ao longo da sua história, suplantou inúmeros reveses para configurar-se como uma entidade tipicamente empresarial tal como hoje a conhecemos. Nesse movimento surge, evidentemente, o compromisso com o resultado econômico-financeiro que impacta a sustentabilidade do negócio. É possível sentenciar: “sem margem, sem missão”, frase essa atribuída a um grande gestor de um hospital sem fins lucrativos nos Estados Unidos. Ao gestor cabe equilibrar em termos éticos essa aceção negocial com a função social a que a entidade fundamentalmente se destina.

Sob essa perspectiva, a instituição hospitalar atual enfrenta os mesmos desafios de competição e sobrevivência que qualquer outra corporação, agravados ainda pelas

especificidades da área da saúde. Nesse ambiente de tanta pressão, entregar valor ao paciente torna-se o embate diário do gestor. A situação fica mais crítica ainda quando surge a percepção de que o maior competidor da instituição seja talvez ela mesma, sucumbindo à realidade de custos cada vez mais crescentes, dos desperdícios e de processos mal desenhados.

Mesmo que a instituição seja de cunho filantrópico ou de caráter público, há sempre uma conta a ser fechada no fim do mês. O traquejo para o sucesso deve vir da competência e da criatividade dos gestores de saúde em conduzir, com a maior precisão possível, a grande orquestração de viabilidade do negócio: da captação e alocação dos recursos, passando pela infraestrutura técnica e sua adequada utilização, culminando por fim na gestão de

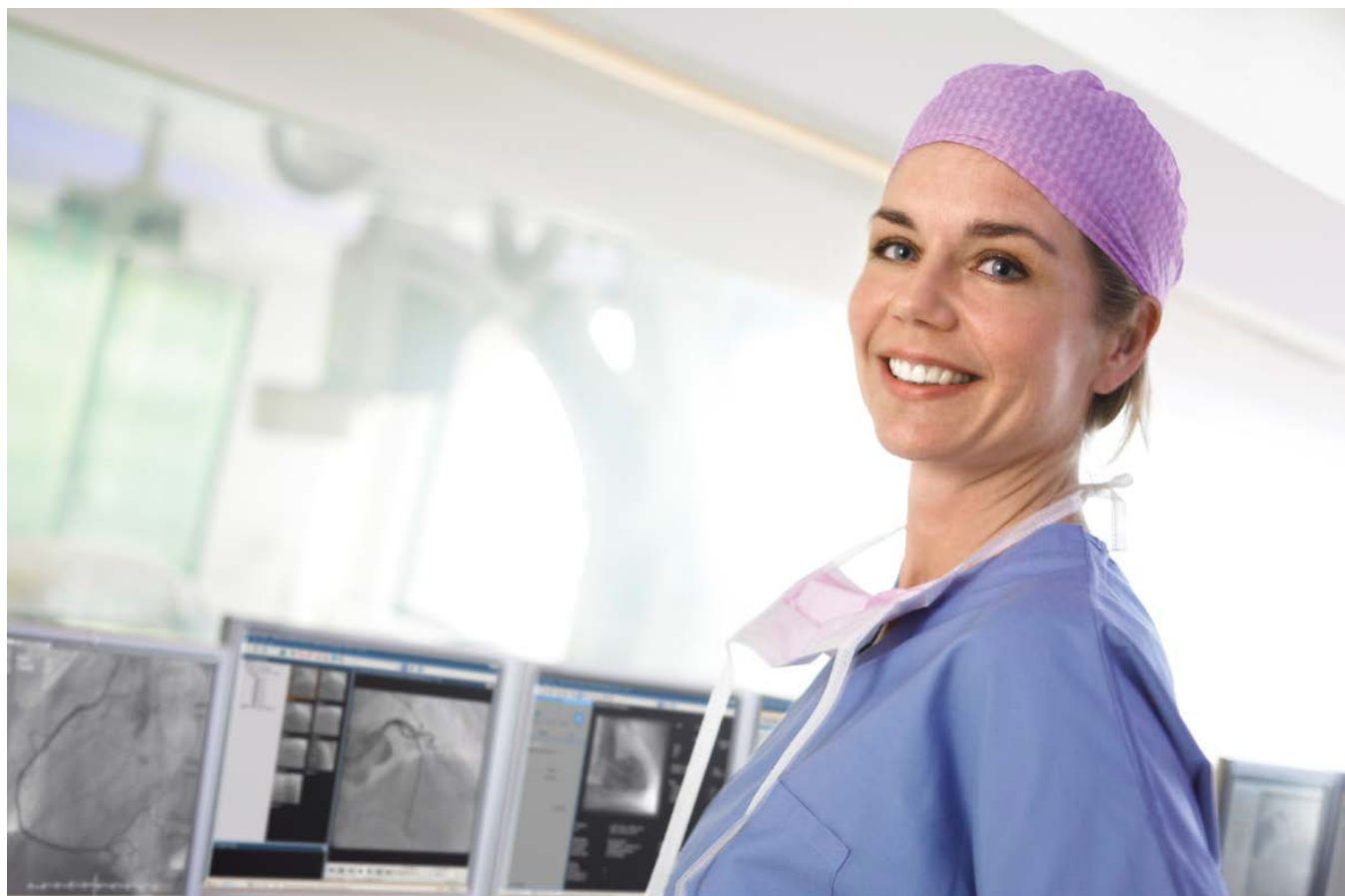


Foto: Banco Philips



peças e dos processos dos quais são agentes. Essa cadeia produtiva deve ser traduzida para uma perspectiva de mercado em que o produto final seja o serviço de saúde de qualidade, que mantenha preservado seu aspecto humano e social e seja entregue ao cliente/paciente com real valor assistencial.

O entendimento que a visão negocial traz às corporações de saúde exige que o gestor opere um escopo gerencial sustentado basicamente no seguinte tripé: 1) há demanda para um produto/serviço (prestação assistencial); 2) há um cliente a ser atendido (paciente) e 3) há um canal de distribuição do produto/serviço (infraestrutura).

Conjugando a dinâmica desses ingredientes de maneira equalizada, o gestor será capaz de colher bons resultados. Mas a tarefa não é tão simples assim, principalmente nos dias atuais. O gestor pode ter controle absoluto sobre o produto que vende e onde vende, mas o cliente deve ser disputado e conquistado. Por isso é importante que as organizações de saúde, além de se engajarem em processos de qualidade, como acreditação ou outras certificações, saibam também comunicá-los ao mercado. Os diferenciais internos que sofisticam a prestação assistencial precisam também receber incentivos.

A governança clínica deve ser instituída e estimulada.

Inúmeros incidentes que envolvem a segurança na prestação dos serviços de saúde vêm a público a todo instante. Mesmo que o desfecho não seja infeliz, é comum depararmos com discursos mal-humorados envolvendo o segmento. Isso faz que o sistema seja posto em xeque e a comunidade de saúde volte-se com mais intensidade para a busca de parâmetros que garantam não somente mais segurança, mas que também induzam mais eficiência e efetividade na racionalização e utilização do sistema. Essas medidas, todas dentro do prisma da qualidade, surgem de modo geral com a padronização de processos assistenciais mais cotidianos, com a instituição de princípios de segurança mais rígidos, com a promoção dos fundamentos de melhoria cíclica, com a impulsão do trabalho em equipe e multidisciplinar, bem como com a medição da experiência do paciente, por meio de desfechos reportados pelo paciente (PROMs), métricas muito mais abrangentes que a simples pesquisa de satisfação.

Estabelece-se assim uma prática assistencial mais ancorada na aplicação de diretrizes clínicas e de procedimentos operacionais facilmente monitorados e avaliados em sistemas de mensuração apropriados para tal finalidade. Instituir uma prática médica apoiada em evidências, sem perder a visão do indivíduo, mas possibilitando as padronizações e referenciais com métricas robustas, comparáveis e transparentes, passa a ser fator crítico para melhoria da qualidade e segurança dos pacientes.

O corpo clínico como protagonista para a sustentabilidade do negócio em saúde

A qualidade deve ser um propósito institucional nas organizações de saúde e nele, certamente, o corpo clínico

não deve ser posicionado como coadjuvante. O gestor de boas intenções que deseja girar a chave para os bons resultados precisa não somente atribuir importância à gestão do corpo clínico, como instrumentalizar-se para este propósito. Sob esse aspecto, principalmente, é que a avaliação de desempenho do time assistencial dá suporte a que se sustentem os pilares da governança, gerando massa crítica e inteligência para melhor desempenho do negócio, estimulando ao mesmo tempo o espírito de equipe e a competitividade e, sobretudo, minimizando os riscos que levam à perda de tempo e dinheiro.

A avaliação de desempenho do corpo clínico é também a ferramenta que permite às organizações de saúde implementar novos modelos de remuneração, como os pagamentos baseados em valor, tais como: pagamento por *bundles*, pagamento baseado em populações, pagamentos por orçamentos globais e/ou pagamento por performance.

Por estimular o engajamento dos médicos com os programas de qualidade das instituições, assim como promover o alinhamento e responsabilização individual pelos resultados clínicos e financeiros das mesmas, esses novos modelos vêm se consolidando como tendência mundial.

O sucesso de um programa de avaliação de desempenho começa antes mesmo de sua implementação. É preciso estabelecer a consciência de que medir o desempenho é mais importante do que remunerar ou aplicar incentivos por desempenho. Somente medindo é que é possível gerenciar e melhorar o sistema. O compromisso último deve ser com a geração de qualidade na entrega assistencial.

Definir quem será avaliado exige que as regras de composição dos indicadores de avaliação traduzam a especificidade para cada tipo de atuação profissional.

O gestor deve traçar os objetivos e metas do que pretende alcançar com a implementação do programa, sejam eles de suporte à governança clínica, de atendimento aos processos de acreditação, de melhoria em dimensões de qualidade, de implantação de programas de incentivo ou remuneração ou de aprimoramento no gerenciamento de riscos e adversidades, por exemplo.

O passo subsequente é a implantação do programa de avaliação de desempenho propriamente dito. Nesse momento é fundamental que se utilizem modelos baseados em evidências e padronizados para que seja possível gerar referenciais externos à instituição, e com isso a credibilidade do programa não fique comprometida.

Final, **qualidade é um compromisso** que deve ser validado desde a sua concepção.



Identidade digital em saúde. É seguro?

Pesquisas relevam que até 80% das informações médicas circulam em serviços de computação ou via mobile. Segurança é essencial!

Texto: Michel Medeiros, CEO da Soluti, PME especializada em segurança e certificação digital

Muito além de inovações nas ciências médica e laboratorial, o setor de saúde conta com grandes transformações tecnológicas que caminham em alta velocidade e visam aprimorar a gestão da área. Ao mesmo tempo que agregam valor e promovem uma série de benefícios a médicos e pacientes, como redução de erros e definição de diagnósticos mais assertivos, as inovações promovem um atendimento mais rápido e eficiente. Cabe destacar ainda uma questão essencial – a da segurança do tráfego de dados e informações no ambiente digital, ainda mais em tempos em que constantemente organizações e instituições públicas e privadas são alvo de ciberataques e sequestros de dados não apenas no Brasil, mas em toda parte do mundo. Além disso, investir em novas tecnologias é um fator determinante para que as instituições de saúde conquistem os selos de acreditação que medem o nível de qualidade e as diferenciem de um concorrente.

Uma pesquisa realizada pelo IDC Brasil, líder em inteligência de mercado, serviços de consultoria e conferências com as indústrias de Tecnologia da Informação e Telecomunicações, revela que até 80% das informações médicas, em algum momento, já circulam em serviços de computação ou via mobile. Isso significa dizer que, cada vez mais, documentos como laudos e prontuários são transmitidos de forma eletrônica, bem como ficam armazenados em nuvem. E o mecanismo seguro que garante autenticidade, confidencialidade e integridade a essas transações eletrônicas é a Certificação Digital – que nada mais é do que uma identidade virtual, capaz de tornar o ambiente eletrônico protegido.

Com o mesmo valor jurídico de uma declaração ou assinatura feitos em papel, o Certificado Digital trata os documentos de forma eletrônica resistentes a fraudes, ou seja, com o fator segurança em primeiro plano, já que o sistema é criptografado. Por isso, em 2015, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) tornou indispensável o uso do Certificado Digital na área da saúde para laudos eletrônicos emitidos por laboratórios de análises clínicas, por meio de uma alteração na regulamentação RDC 302:2005. O sistema otimiza e agiliza o fluxo de trabalho dos médicos, eleva a qualidade do diagnóstico, desburocratiza processos e elimina o uso de papel, o que faz do certificado digital uma ferramenta aliada da sustentabilidade e do meio ambiente.

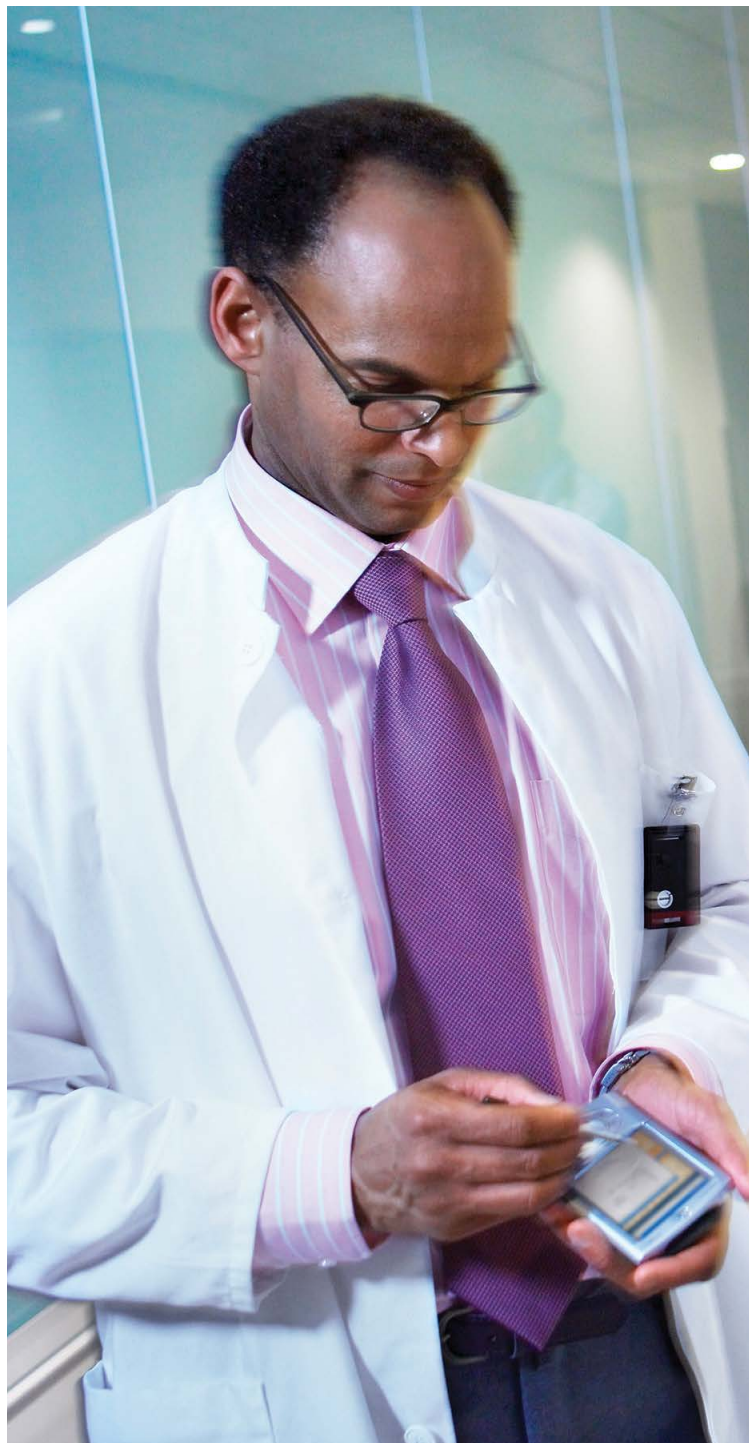


Foto: Banco Philips



Inovação promove segurança e agilidade na área da saúde

Funcionalidade – Atualmente, o uso mais comum dessa tecnologia entre médicos, hospitais e planos de saúde é via Prontuário Eletrônico do Paciente (PEP), sistema em que o histórico clínico do paciente fica gravado. O PEP oferece aos profissionais mais agilidade, na medida em que o prontuário do paciente pode ser acessado em qualquer computador ou dispositivo móvel, de forma segura e confiável. O Certificado



Digital também pode ser usado na Troca de Informações na Saúde (TISS) e também na entrega da DMED (Declaração de Serviços Médicos e da Saúde) à Receita Federal pelos prestadores de serviços médicos e de saúde, operadora de plano privado de assistência à saúde.

Flexibilidade – Outra recente inovação do setor é a implantação da Certificação Digital já integrada aos principais sistemas hospitalares e por meio de soluções que armazenam os Certificados do tipo A3 em nuvem, como o Certillion Cloud Saúde. A ferramenta oferece um fator adicional de autenticação – tornando o sistema mais seguro – e a praticidade de assinar documentos, laudos e prontuários de forma digital, por meio de um dispositivo móvel, a qualquer hora e em qualquer lugar.

É comum os profissionais da saúde atuarem em várias instituições da mesma rede hospitalar. Com esta solução, o médico, por exemplo, consegue otimizar o seu tempo e dar maior celeridade nos processos, ao assinar documentos como prontuários eletrônicos de pacientes, receitas e laudos de forma digital e mobile. É uma solução capaz de centralizar as identidades digitais de todo o corpo clínico em um único HSM (repositório em nuvem). Esse recurso elimina a necessidade do médico de se deslocar, e de ter um Certificado Digital para cada hospital credenciado.

Expansão do mercado – Em razão dos benefícios que o certificado digital fornece ao mercado, seu crescimento se dá não apenas na área da saúde, mas em diferentes segmentos. Prova disso é que, desde 2005, já foram emitidos mais de 17 milhões de certificados; apenas no ano passado, esse número foi superior a 3,2 milhões, segundo dados fornecidos pela ICP-Brasil. O cenário deve se manter promissor para os próximos anos e a estimativa é de que o mercado brasileiro dobre de tamanho até 2020.

O certificado digital na área da saúde é aliado dos procedimentos, da simplificação e segurança de todos os processos. Além disso, a agilidade e a economia financeira são argumentos suficientes para que empresas do setor médico inovem seus serviços.



Interoperabilidade: a nova onda do prontuário eletrônico

Tendências e o fácil acesso às informações dos pacientes

Texto: Prof. Renato M.E. Sabbatini, PhD

Alguém já disse que ter um prontuário eletrônico do paciente (também conhecido como PEP) isolado em uma instituição é como fazer propaganda colocando um outdoor no porão.

De fato, se você pensar bem, não faz muito sentido ter um PEP isolado, pois os dados e informações dizem respeito a uma entidade única: o ser biológico. Para que eles alcancem todo o seu potencial e sejam altamente efetivos, os PEPs deveriam trocar informações entre si e ser centrados no paciente, ou seja, idealmente todas as informações médicas e de saúde sobre minha pessoa deveriam ser armazenadas e estar facilmente disponíveis em um lugar centralizado, de forma que qualquer profissional que me atendesse pudesse visualizar imediatamente toda minha história clínica, independentemente do local, instituição de saúde ou outro profissional qualquer que tenha me atendido ao longo de minha vida.

Por exemplo: imaginem como seria útil ter disponível na rede, de forma segura, uma lista centralizada de todos os meus problemas de saúde, organizados cronologicamente e identificados de uma forma inambígua por exemplo, usando o CID ou o CIAP). Todas minhas anamneses passadas estariam disponíveis para todos os provedores, que não teriam que levantar a história clínica e familiar novamente a cada consulta ou internação. O mesmo ocorreria com a lista de medicamentos passados, ativos e aprazados, com o histórico de exames e procedimentos solicitados, e assim por diante. Os benefícios seriam tremendos para todos!

Para sairmos do discurso e vislumbrando as maiores tendências em saúde, a palavra-chave é interoperabilidade (ou interoperacionalidade, um termo mais correto em português). E o que é isso? É a funcionalidade que permite que os diferentes PEPs, que são heterogêneos em tudo, desde o nome dos campos e seus conteúdos até a sua arquitetura e usabilidade, sejam capazes de integrar e intercambiar dados e informações entre si, relativos a um determinado sujeito da atenção (ou paciente).

E como isso é alcançado, realizado? Muito simples, mas ao mesmo tempo um grande desafio a ser alcançado, uma vez que no Brasil os PEPs, em sua maioria, são estanques, não se comunicam entre si nem na mais elementar forma. Mas, com esse objetivo em mente, estamos progredindo.

Em países como o Canadá 90% dos cidadãos têm o seu prontuário unificado usando as operações e padrões de interoperabilidade. Isso é factível por meio de duas providências obrigadas pelo governo central: primeiro, uma identificação unívoca para cada cidadão (no Brasil já a temos: é o CNS, do SUS, um modelo de dados e de identificação do Cartão Nacional de Saúde, que deve ser usado tanto na saúde pública quanto na suplementar. Sem ele não é possível interoperar os dados centrados no paciente. Depois, uma via de informação chamada barramento, que é como uma estrada por onde circulam esses dados entre os diferentes PEPs. No Canadá, ela se chama, apropriadamente, de Canada Health Infoway. É exatamente esse o modelo que o Brasil está seguindo. Já temos ambos os recursos tornados obrigatórios e em fase de implementação.

O próximo passo seria utilizar padrões de informação nacionais e internacionais que unifiquem a representação das informações demográficas e clínicas, de forma clara, aberta e adotada consensualmente por todos (isso, no Brasil, significa haver um mandato legal, como aconteceu com o TISS: Troca de Informações em Saúde Suplementar, mas que serve apenas o componente de cobranças e pagamentos de contas médicas). Esses padrões são definidos por entidades chamadas Organizações Desenvolvedoras de Padrões (SDO, da sigla em inglês), cujo maior exemplo são a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a fundação HL7 International (Health Level Seven, um termo técnico para a sétima camada de interoperabilidade, a dos softwares aplicativos). Existem testes e certificações que garantem que um PEP seja interoperável e esse é o futuro!

O Ministério da Saúde, desde 2011, vem definindo e publicando paulatinamente cerca de 12 padrões de interoperabilidade que irão possibilitar que ela seja atingida em sua forma mais básica, como o já mencionado CNS, o CMD (Conteúdo Mínimo de Dados em Saúde), o Registro de Atendimento, o Registro de Alta e o Repositório de Terminologias em Saúde (RTS), entre outros. Participam desse projeto, que é regulamentado por um Plano Nacional Estratégico de e-Saúde (saúde eletrônica, ou digital), publicado em 2017, várias organizações importantes, como o próprio MS, o DATASUS, a ABNT, a Sociedade Brasileira de Informática em Saúde (SBIS), os Conselhos Federais das profissões de saúde, as Agências Nacionais de Vigilância em Saúde (ANVISA) e de Saúde Suplementar (ANS), entre outras.



Vários fabricantes de prontuários eletrônicos que são líderes de mercado, como o Tasy, da Philips, já estão adotando e se adaptando a esses padrões HL7 e os mandados pelo governo, o que nos permite vislumbrar um caminho fascinante e altamente resolutivo para um futuro próximo.

Os próximos padrões de interoperabilidade a serem adotados dirão respeito à integração do PEP com plataformas on-line de acesso a conhecimento clínico, como e-books, revistas eletrônicas, repositórios de imagens, sistemas de apoio à decisão diagnóstica e terapêutica, calculadoras médicas. Isso causará uma revolução com um impressionante potencial, pois transformará o PEP de um arquivador de informações a um sistema de auxílio ativo ao seu usuário (por exemplo, sendo capaz de referenciar um artigo ou capítulo de livro, imagens comparativas, interações medicamentosas etc., no momento que isso é necessário, no chamado ponto de atenção (antes, durante ou após uma consulta, por exemplo)). Já existem plataformas extremamente completas para isso, como o Clinical Key, da Elsevier. Os padrões serão necessários para fazer a integração das mesmas com os PEPs, de modo que o usuário não precise sair do programa para fazer uma pesquisa por palavras-chave, por exemplo. O Instituto HL7 Brasil está promovendo a adoção desses padrões, como o FHIR, o Infobutton, os Order Sets, os Care Plans e o CDS Hooks.

Apesar da sopa de letrinhas, **o futuro da interoperabilidade é altamente promissor!**

Sobre o Autor

O autor é cientista biomédico, graduado e doutorado pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USPO). Foi professor dessa faculdade e também da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e fundador e diretor do Núcleo de Informática Biomédica dessa universidade, sendo um reconhecido especialista em nível internacional em aplicações da tecnologia de informação em medicina. É também fundador e vice-presidente do Instituto HL7 Brasil.
Contato: www.renato.sabbatini.com

ELSEVIER
Patrocinador Connect Day 2017



A gestão OPME hospitalar do futuro: tecnologia que reduz custos e aumenta a produtividade

Controle reduz tempo de inventário e perdas por vencimento

Texto: Fernando Monlin – Diretor da GTT Healthcare

A gestão OPME (órteses, próteses e materiais especiais) tem recebido cada vez mais atenção nos hospitais, seja em terras brasileiras ou outras partes do mundo. Dois são os fatores que contribuíram diretamente para isso: a percepção dos altos custos dedicados ao OPME e as grandes possibilidades de lucros possíveis com a sua utilização.

Claro que esses dois fatores devem ser somados a outros que moldam o cenário hospitalar, como o aumento do uso da tecnologia, a velocidade com que esses equipamentos são modificados e modernizados, o melhor preparo dos profissionais da saúde, a maior preocupação das pessoas com bem-estar e qualidade de vida e até mesmo o fator governamental.

A tecnologia RFID

Foi a partir da maior necessidade de exercer controle sobre o OPME que os hospitais chegaram à tecnologia RFID. A identificação por radiofrequência já é utilizada com sucesso em várias outras áreas e está estabilizada em termos de funcionamento, algo necessário ao ambiente hospitalar, já que a tecnologia entrega confiança.

Outras formas de controle já foram tentadas (como o papel e o controle manual, depois o código de barras), mas ainda sem a qualidade desejada. A cada novo e necessário inventário, gestores se viam com produtos extraviados, perdidos ou impossíveis de serem utilizados em razão da data de validade expirada.

A solução RFID, associada a modernos softwares de controle e gerenciamento, tem permitido uma redução de até 90% no número de perdas por vencimento, por exemplo, algo impensável nos métodos de controle anteriores.

Aumento da produtividade

A equação é simples quando se tem o controle de tudo. Ao acompanhar tudo o que entra e sai do estoque, bem como tudo o que está armazenado, o gestor pode se programar para fazer mais atendimentos, comprar apenas a quantidade realmente necessária de peças de reposição e diminuir sensivelmente a necessidade de constantes inventários do estoque.

Grandes hospitais pelo Brasil que já aderiram ao novo sistema vêm tendo resultados surpreendentes. Os ganhos promovidos pelo novo sistema de controle e monitoramento

podem ser vistos em números como os abaixo:

- Redução de 80% no tempo de inventário.
- Diminuição de 90% das perdas por vencimento.
- Aumento de 20% em rentabilidade.

Mas vamos detalhar um pouco esses números e entender o que eles representam na prática. A redução de 80% no tempo de inventário acontece porque não se perde mais tão facilmente o controle daquilo que se tem em estoque.

Além dos inventários acontecerem de forma mais rápida, eles também ocorrem em intervalos maiores. Isso quer dizer que o hospital funciona mais tempo dentro da normalidade e não precisa remarcar procedimentos ou deixar de fazê-los porque precisa dedicar tempo e recursos para a reorganização do estoque.

O mesmo pode ser dito para a redução das perdas por vencimento. Com o controle por RFID, os OPMEs a serem utilizados primeiro são aqueles com data de validade mais próxima de expirar, seguindo o simples conceito conhecido como FEFO (sigla para *first expired first out*) – algo como o primeiro a expirar é o primeiro a sair.

Essa simples aplicação da obviedade consegue reduzir as perdas para até 90%, deixando os 10% restantes para as sazonalidades de mercado mais difíceis de prever e controlar.

Mais rentabilidade

Segundo o princípio de Pareto, conseguimos 80% de todos os nossos rendimentos com 20% das nossas aplicações, e com o OPME isso não é diferente.

Estudos indicam que os gastos com o OPME, apesar de altos, costumam representar cerca de 20% do total em um hospital. Esses mesmos estudos apontam para uma rentabilidade de 80% de tudo o que entra nesses mesmos hospitais.

Uma área tão lucrativa merece, portanto, atenção e cuidado por parte dos gestores, já que os resultados possíveis são os melhores.

A solução é investir em modernos sistemas de controle e gerenciamento, já que eles trarão melhoras significativas na forma como os OPMEs são adquiridos, armazenados e utilizados, gerando menos despesas e mais lucros para o hospital.



A medida também reverbera indiretamente nos profissionais que trabalham no hospital, assim como nos pacientes atendidos, gerando um ganho geral para toda a instituição.

Para quem ainda não estava convencido, sempre é bom lembrar que o Brasil, por intermédio de sua agência reguladora da saúde, a Anvisa, já estabeleceu a lei que visa o controle e a rastreabilidade de medicamentos, o que inclui o OPME. Assim, possíveis investimentos ainda poderão ser justificados para o atendimento legal.

Cases de sucesso

Uma boa ferramenta para quem ainda possa estar incrédulo quanto às vantagens da adoção da rastreabilidade por RFID é conhecer casos de sucesso, como o de um hospital localizado na região Sul do Brasil: a tecnologia foi aplicada em 2015 e os resultados foram percebidos de forma praticamente imediata.

No caso dos OPMEs, por exemplo, o hospital não conseguia controlar materiais em consignação, cabendo aos fornecedores essa função. Agora, o hospital consegue controlar toda a logística envolvendo esses materiais: recebimento, lançamento de nota fiscal, entrega dos materiais, armazenagem, utilização, devolução e controle de validade. Além do hospital, foram beneficiados os pacientes, tendo uma segurança muito maior em seus atendimentos. O investimento do hospital apenas aponta para uma tendência futura na área: a utilização cada vez maior da tecnologia para reduzir custos operacionais. Claro que esses investimentos sempre ocorrerão em tecnologias já testadas e confiáveis no mercado, como é o caso do RFID.

Soluções como essas se tornarão cada vez mais necessárias no futuro e cabem aos gestores estarem preparados para elas.



Foto: Banco Philips





Phishing: o que é e como se proteger

Ferramentas, procedimentos, políticas e conscientização para mitigar os riscos de segurança

Texto: Renato Fonseca, Gerente de Marketing e Comercial da E-VAL Saúde

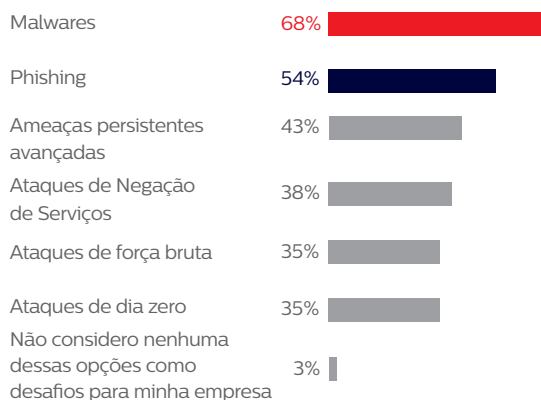
O ataque de *phishing* é uma constante ameaça nos dias de hoje. Ele representa uma fraude elaborada para enganar pessoas com objetivos como roubo de usuários e senhas e instalação de códigos maliciosos, entre muitos outros.

O termo *phishing* tem origem nos anos 90 e remete à palavra *fishing* ou “pescaria”. Primeiro foi atribuído aos ataques para roubos de usuários e senhas do America Online (AOL), que foi um dos primeiros provedores de acesso à Internet. Esses ataques têm as características de: ser massificados; ter alvos aleatórios; tentar reproduzir as identidades de grandes corporações como bancos e empresas de tecnologia.

A evolução do *phishing* deu origem às derivações como o *spear phishing* ou “pesca com arpão”, e o *whaling* ou “pesca ao peixe grande”. Ambas representam ataques direcionados, com base em informações coletadas especificamente sobre o alvo do ataque. A diferença é que o *whaling* costuma receber essa denominação para ataques com alvo nos profissionais com níveis de direção ou *C-level*.

O uso combinado de ataques pode aumentar a possibilidade de fraude, por exemplo, com base nos alvos atingidos em massa. O atacante pode ter adquirido a identidade de um membro de uma corporação e por meio dessa identidade pode ser realizado o levantamento de informações e disparado um novo ataque, *spear phishing*, para atingir novos alvos. Outro exemplo, menos elaborado, pode ser o roubo de um *smartphone* sem proteção por senha, no qual o atacante executa técnicas de engenharia social contra os contatos da vítima.

Como informação do mercado, o relatório de segurança da Cisco de 2016 indica que os desafios enfrentados com ataques de *phishing* são representativos sob a ótica dos entrevistados e só são superados pelos *malwares*.



Fonte: Estudo sobre o risco à segurança e confiabilidade. Cisco

Outra informação relevante do relatório da Cisco é a tendência de ataques aos servidores que possuem a aplicação Wordpress. Assim, servidores servem de plataforma para ataques mascarados de identidades confiáveis.

Como proteção de maneira corporativa, deve ser desenvolvida uma política de segurança da informação contendo diretivas com o objetivo de mitigar e controlar esses problemas. Para a elaboração da política, comumente, é utilizada norma ABNT NBR ISO/IEC 27002, sobre segurança da informação. Especificamente para a saúde, ISO 27799. São necessárias algumas medidas para se proteger dos ataques:

1. Conhecimento – estar atento aos novos tipos de ataques pode prevenir que você seja vítima. Treinamentos fornecidos pelos administradores da tecnologia da informação, como parte de uma política de segurança, podem servir de fonte de conhecimento para o combate. Sites como Anti-Phishing Work Group e Phishing.org, podem ser fontes de conhecimento. Vale também mencionar, sobre vulnerabilidades em geral, o site Common Vulnerabilities and Exposures (CVE), que possui uma extensa base de registros para os mais diferentes sistemas, desde os operacionais até firmwares de equipamentos.

Foto: Banco Philips





Foto: Banco Philips

2. Pense antes de clicar em endereços – mesmo que o site ou o e-mail pareça legítimo, fique atento às potenciais fraudes. Já foi a época que os e-mails de phishing eram mal formatados, com erros de grafia, design ou outra falha que pudessem ser rapidamente identificadas. É muito comum ser possível visualizar o destino de um link, passando o ponteiro do mouse sobre ele, antes de efetivamente clicar. Entretanto, os links podem ser mascarados de forma a dificultar sua detecção.

3. Utilize complementos de navegador anti-phishing – existem ferramentas que podem ser instaladas nos navegadores para o uso específico de restrição contra ataques. Entretanto, deve ser possível validar adequadamente a origem de tais complementos.

4. Verifique a confiança do site – a forma mais adequada é verificar as informações de sites seguros, os quais possuem endereço https com certificados digitais para a garantia de identidade do servidor. Os certificados digitais são emitidos por autoridades certificadoras confiáveis e possuem a informação do endereço do site de destino. Os navegadores possuem verificações de segurança e alertam os usuários de eventuais problemas, portanto, os alertas não devem ser ignorados.

5. Mantenha os softwares atualizados – esta é uma recomendação bastante comum para qualquer proteção de segurança, mas é sempre importante mencionar.

6. Não compartilhe informações pessoais – desconfie de sites, e-mails, pop ups, ligações entre outros canais que possam solicitar informações pessoais, mesmo que pareçam

confiáveis nas origens. Por exemplo, como mencionado no spear phishing, pode ser que a comunicação tenha origem em algum contato conhecido que tenha sofrido roubo de identidade.

7. Use firewalls – recursos como firewalls, NGFW (next generation firewalls), proxy, UTM (unified threat management) ou outros sistemas que realizem proteção de perímetro e análise de tráfego de dados. Isto pode impedir por meio de listas de endereços confiáveis e restritos (listas negras), a propagação de um ataque.

8. Use antivírus – estes aplicativos são atualizados com frequência quantos aos padrões de detecção contra códigos maliciosos. As soluções recentes possuem melhor desenho de processamento e impacto se comparadas com o passado. Além disso, não podemos ignorar os antivírus nos smartphones, pois estes aparelhos também podem ser utilizados como brechas de segurança para roubo de informações ou novos ataques.

Por fim, nada é 100% seguro e não há uma única solução contra ataques. Portanto, é importante coordenar o uso de ferramentas, procedimentos, políticas e conscientização para mitigar os riscos de segurança.



Patrocinador Connect Day 2017



Cloud promete transformar o mercado de saúde nos próximos 10 anos

A transformação digital já começou, você está preparado?

Texto: Rodrigo Luchtenberg, CEO da Teiko

Em poucos anos, a computação em nuvem transformou o mundo dos negócios de maneira inimaginável. A adoção dessa tecnologia vem proporcionando avanços impressionantes em praticamente todos os setores e atualmente grande parte das companhias utiliza software, hardware e serviços baseados na nuvem para se tornar mais ágil e mais competitiva e abraçar a inovação mais rápido do que nunca. Inclusive na indústria da saúde, que apresenta demanda crescente por infraestrutura, sistemas e suportes aliada a orçamentos de TI mais enxutos, a nuvem tem – e terá – um papel fundamental neste segmento.

A área de saúde representa um mercado global de mais de US\$ 8,7 trilhões, sinalizando uma das grandes promessas de investimento em TI.

Cada vez mais as instituições ligadas aos cuidados com a saúde investem na transformação digital, buscando soluções inovadoras, apostando em programas de gestão e em alternativas tecnológicas. Levantamento da Business Insider¹ aponta que a saúde representa um mercado global de mais de US\$ 8,7 trilhões, sendo uma das grandes promessas de investimento em TI no futuro próximo. Já de acordo com o Gartner², as empresas brasileiras devem investir cerca de US\$ 4,5 bilhões em cloud neste ano, valor que chegará a US\$ 20 bilhões até 2020.

A nuvem e o desafio dos dados

Um dos grandes desafios nesse mercado é justamente coletar, armazenar, processar e analisar um volume crescente de informações médicas, exames, imagens, estudos e outros de cada paciente.

A cloud computing responde a esse desafio: os dados são guardados, processados e analisados na nuvem – que oferece escalabilidade e capacidade tecnológica como serviços. O que torna possível, por exemplo, ter análises em tempo real, acompanhar a recuperação de pacientes em casa, otimizar a rotina de enfermeiros e atendentes e melhorar o monitoramento dentro e fora dos ambientes de cuidados médicos.

As vantagens da cloud

Conhecida por sua **flexibilidade** – já que pode ser incorporada com facilidade a ambientes diferentes com uma dinâmica de adoção que, além de ágil, apresenta um índice de erros muito baixo – e escalabilidade, a computação em nuvem oferece **acesso e compartilhamento de informações** sem que se precise fazer investimentos em equipamentos.

Além disso, aumenta a colaboração entre os diferentes agentes e **otimiza a performance dos negócios com segurança**. É por fatores como estes que o número de companhias de diversos setores que migram seus dados e processos parcial ou totalmente para a nuvem só cresce.

Redução de custos é um fator muito importante para qualquer negócio. Se uma empresa opta por um data center, tem que arcar com a estrutura física e sua manutenção. Já se a companhia escolhe migrar seus dados ou ter *backup* na nuvem, o investimento, muitas vezes pesado, em servidores e equipamentos não será mais uma necessidade. Assim, é possível parar de gastar com licenças, pagar apenas pelo que é efetivamente utilizado e até mesmo pensar em uma estrutura de TI mais enxuta, pois o gerenciamento da infraestrutura fica sob a responsabilidade do fornecedor do serviço. Com isso, os profissionais que atuam na TI podem se dedicar a projetos mais estratégicos e inovadores.

A **segurança dos dados** é outro dos benefícios de contar com a nuvem, já que os provedores do serviço têm a capacidade técnica e/ou financeira de que muitas vezes as organizações não dispõem para investir continuamente na proteção dos sistemas. As **informações estão sempre disponíveis** para os usuários, proporcionando acesso a qualquer um (médico, gestor, paciente, etc) de qualquer lugar e dos mais diferentes dispositivos.

Tecnologia para a saúde do presente e do futuro

Organizações ligadas à área da saúde vêm investindo em Internet das Coisas (IoT) e Big Data na nuvem com o objetivo de criar serviços ainda mais ágeis, baratos, eficazes e acessíveis. E não há dúvida de que a computação em nuvem, aliada a outras técnicas e expertises, continuará a embasar diversas transformações nesta área.

Em seu artigo *The Guide to the Future of Medicine*³, o médico Bertalan Meskó – um dos principais expoentes da medicina futurista – aponta algumas das principais tendências no segmento de cuidados com a saúde. Com base nas transformações observadas em outras indústrias e a partir do uso crescente de tecnologias como cloud computing, Machine Learning, impressão 3D e nanotecnologia, indica inovações que já estão em uso, muitas aplicações que estão em desenvolvimento e diversas outras ideias que ainda precisam de tempo para se tornarem viáveis.



Foto: Divulgação

Como vimos, ganho de eficiência, melhora da rentabilidade e da produtividade, escalabilidade, mais qualidade nos serviços de atendimento ao paciente e na relação com os profissionais, maior engajamento de todas as pessoas envolvidas, custos menores, alta segurança e disponibilidade das informações são resultados imediatos do investimento em cloud computing. E é fundamental que as diversas instituições ligadas aos cuidados com a saúde, setor em franca evolução, possam contar, nesse processo, com parceiros experientes e seguros.

É preciso escolher provedores bem preparados para o fornecer serviços e infraestrutura em cloud, tecnologia necessária para o presente e para tudo que o futuro promete.

Referências

1. <http://www.businessinsider.com/digital-disruption-in-health-care-the-87-trillion-opportunity-in-digital-health-2017-5>
2. <http://cio.com.br/tecnologia/2017/01/06/dez-tendencias-de-iaas-para-2017/>
3. <https://scinceroll.files.wordpress.com/2013/10/the-guide-to-the-future-of-medicine-white-paper.pdf>

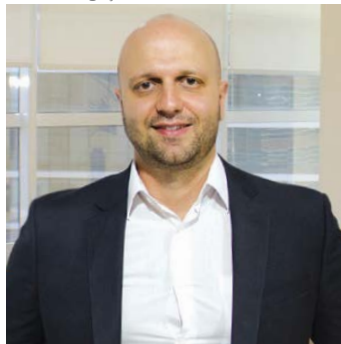


A implantação de sistemas realizada por uma TI estratégica

Por que o planejamento é tão importante?

Texto: Daniel Camillo Rocha

Foto: Divulgação



Daniel Camillo Rocha
Diretor de Serviços da HQS

A área de Tecnologia da Informação (TI) sofreu algumas transformações ao longo dos anos e uma das principais está relacionada ao seu reposicionamento dentro das organizações. Deixa de ser vista somente como operacional e ganha espaço como aliado estratégico, resultando em maior competitividade no mercado.

O constante aumento do custo assistencial acima da inflação e o surgimento de grandes grupos impulsionam as organizações na procura contínua de uma gestão hospitalar mais efetiva requisitando cada vez mais uma TI Estratégica.

Ter uma TI estratégica dentro das organizações exige alguns passos importantes e citamos abaixo os três principais:

- Definir o Planejamento Estratégico Corporativo (PEC), que será utilizado como guia para o planejamento de todas as áreas.
- Perfil do Líder Tecnológico: selecionar o profissional com as competências e experiências necessárias para suportar as novas exigências da área.
- Definir o Plano Estratégico de TI (PETI): responsável pelo direcionamento dos investimentos em tecnologia, pessoas e projetos da área e deve sempre estar alinhado com o Plano Estratégico Corporativo (PEC).

Com o planejamento concluído iniciamos o roteiro abaixo:

Seleção

Utilizando como base o Plano Estratégico Corporativo (PEC), a gestão de TI terá os dados necessários para a avaliação de forma assertiva da seleção da tecnologia e parceiro.

No ciclo de seleção, podemos destacar as etapas abaixo:

RFP – Request for Proposal

Um pedido de proposta (RFP) é um documento em que

se solicita uma proposta, muitas vezes feita por meio de um processo de licitação, por uma agência ou empresa interessada em aquisição de uma mercadoria, serviço ou recurso valioso, para potenciais fornecedores para apresentar propostas de negócios.

É utilizada uma RFP, em que o pedido requer conhecimentos técnicos, capacidades especializadas ou na qual o produto ou serviço solicitado ainda não existe e a proposta pode exigir pesquisa e desenvolvimento para criar o que for solicitado.

A RFP apresenta requisitos preliminares para a mercadoria ou serviço, e pode determinar em diferentes graus a estrutura e o formato exatos da resposta do fornecedor. As RFPs efetivas geralmente refletem a estratégia e os objetivos de negócios de curto/longo prazo, fornecendo informações detalhadas sobre quais fornecedores poderão oferecer uma perspectiva de correspondência.

RFI – Request for Information

Um pedido de informação (RFI) é um processo comercial padrão, cujo objetivo é coletar informações escritas sobre as capacidades de vários fornecedores. Normalmente, segue um formato que pode ser usado para fins comparativos. Um RFI é usado principalmente para coletar informações para ajudar a tomar uma decisão.

RFQ – Request for Quotation

Um pedido de cotação (RFQ) é um processo de negócios padrão, cujo objetivo é convidar os fornecedores para um lance em produtos ou serviços específicos. Um pedido geralmente envolve mais do que o preço por item. Podem ser solicitadas informações como termos de pagamento, nível de qualidade por item ou duração do contrato durante o processo de licitação.

Para receber as cotações corretas geralmente incluem as especificações dos itens e serviços para garantir que todos os fornecedores ofereçam o mesmo serviço. Logicamente, quanto mais detalhadas as especificações, mais precisas serão as cotações e comparáveis aos outros fornecedores.

Implantação

Quando falamos de implantação de sistemas, PMBOK (*Project Management Body of Knowledge*) do PMI (*Project Management Institute*) é a maior e melhor referência de abordagem metodológica.

O Guia PMBOK (5ª edição) reconhece 47 processos que são classificados em dez áreas de conhecimento dentro de cinco grupos de processos conforme representação a seguir:



Foto: Banco Philips

Grupos de Processos	Áreas de Conhecimento
1. Iniciação	1. Gestão de integração
2. Planejamento	2. Gestão do escopo
3. Execução	3. Gestão do tempo
4. Monitoramento e controle	4. Gestão de custos
5. Encerramento	5. Gestão de qualidade
	6. Gestão de recursos humanos
	7. Gestão de comunicação
	8. Gestão dos riscos
	9. Gestão de aquisições
	10. Gestão das partes interessadas

São muitos os benefícios que o PMBOK promove no gerenciamento dos projetos. E a implantação de um sistema por si só já traz uma grande carga de mudanças nas instituições, e por isso o planejamento é tão importante. Trabalhar utilizando a metodologia do PMI permite a padronização das atividades do gerenciamento do projeto, o controle total do andamento das atividades e o tratamento antecipado dos riscos. Definido o planejamento, selecionado o sistema, determinada a metodologia de implantação, a estrutura necessária estará pronta, resultando no aumento considerável de chances de sucesso do projeto.

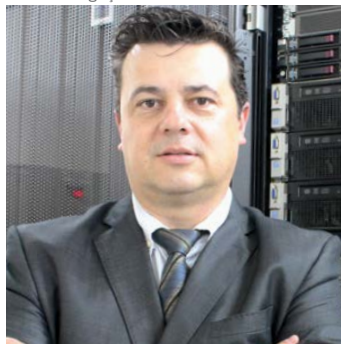


Como a TI ajuda os hospitais a terem processos mais *Lean*

Velocidade e estratégias que promovem a excelência em qualidade

Texto: Glaucio Erlei de Souza

Foto: Divulgação



Glaucio Erlei de Souza
Assessor de Planejamento e
Filantropia do Hospital Nossa
Senhora das Graças

Em primeiro lugar, vamos contextualizar o que é *Lean IT* ou *Lean TI*?

Lean, em sua essência, é basicamente um modelo gerencial, aplicado por meio de princípios e técnicas operacionais, a fim de prover valor mais rapidamente aos clientes, com menor esforço e maior eficiência e eficácia em seus processos, tendo em seu principal objetivo a redução dos desperdícios.

O termo *Lean* foi originado por John Krafcik, em 1988, em seu artigo científico "Triumph of the Lean Production System" (Triunfo do Sistema de Produção Enxuto), base de sua dissertação de Mestrado, depois de uma experiência de trabalho em uma *joint-venture* entre Toyota e GM na Califórnia. Como o conceito era voltado às linhas de produção e manufatura, com o passar dos anos os conceitos de *Lean* foram sendo ampliados em novas publicações científicas, passando a ser adaptados e aplicados a diferentes áreas, dando origem a novas abordagens, como a abordagem de *Lean IT*.

Lean IT ou *Lean TI*, portanto, é basicamente a adaptação dos conceitos *Lean* e do sistema Toyota de produção para a área de Tecnologia da Informação – TI, tanto em processos e recursos, quanto para pessoas.

As discussões quanto as melhores práticas com ênfase na melhoria da qualidade e prevenção de riscos, maximização do valor dos serviços, e principalmente da filosofia de redução de desperdícios, há muitos anos vem sendo trabalhada pelas empresas. Em hospitais não é diferente.

O setor de Tecnologia da Informação – TI é, muitas vezes, o responsável por todo o gerenciamento de dados e fluxo da informação nos hospitais. É de fundamental importância que a TI traga agilidade, segurança e qualidade às rotinas e processos, fomentando os ambientes de trabalho a trazer resultados melhores à instituição.

Vale destacar que em muitos hospitais os orçamentos com TI representam uma fatia penosa e considerável dos custos e investimentos que a empresa aporta anualmente. Em um cenário de crise, cada centavo conta, portanto é essencial possuir uma TI alinhada às prioridades estratégicas do hospital, promovendo a excelência e a maturidade com processos mais enxutos ou *Lean*.

Para atingirmos a excelência, com processos hospitalares mais maduros, e principalmente processos mais *Lean*, sem dúvida nenhuma a persistência continuada em treinamentos para a base operacional é fundamental, mas não só.

O sistema de gestão em saúde Tasy, da Philips, contribui diretamente na promoção de processos mais enxutos, trazendo agilidade, segurança e qualidade às rotinas do hospital. Há ferramentas que auxiliam nas integrações com os inúmeros equipamentos médico-hospitalar, no fluxo dos processos e aderência às regras de negócio por meio de parametrizações, regras, registros, padrões assistenciais e administrativos, protocolos e demais necessidades para um completo e complexo gerenciamento de um hospital.

O conceito *Lean* prima por menor esforço e maior eficiência e eficácia em seus processos, promovendo a redução dos desperdícios, constituindo os termos adaptabilidade e interoperabilidade como pré-requisitos essenciais para um sistema de gestão hospitalar completo.

É exatamente nestes quesitos de adaptabilidade e interoperabilidade que vemos não bastar apenas a aplicação do conceito *Lean* nas instituições. **A velocidade para aplicar as novas rotinas e processos ao sistema de gestão do hospital é tão importante quanto mapear e entender onde encontram-se os gargalos e desperdícios da instituição.**

Caso contrário todos os esforços despendidos para otimizar os processos reverterem-se em frustração aos envolvidos, seja por termos apenas aderência parcial das necessidades da empresa ao sistema de gestão, ou pela demora desta aderência, ou ainda por não conseguirmos colocar as melhores práticas no sistema de gestão do hospital. No Hospital Nossa Senhora das Graças a TI promove a



Foto: Divulgação

constante revisão dos processos hospitalares, visando a essa busca contínua pela excelência e processos mais enxutos, com entregas de processos que realmente tragam valor à cadeia produtiva do cliente, e os que não geram valor são substituídos e/ou completamente eliminados.

É gratificante para nós contarmos com o apoio da Philips, empresa tradicional no segmento de saúde. Contudo, infelizmente, vemos empresas tradicionais ficarem aquém das expectativas dos clientes, não conseguindo acompanhar a velocidade com que as tecnologias e o mercado se movem, pois mantêm sua estrutura baseada em silos e processos pesados.

Com o sistema de gestão em saúde Tasy, da Philips, ocorre o contrário: o que vemos é um *lead time* médio rápido, sendo velocidade a palavra-chave para a TI ajudar os hospitais a terem processos mais Lean em suas instituições.

Sobre o HNSG

O Hospital Nossa Senhora das Graças – HNSG é um dos maiores centros de saúde do Estado do Paraná. É hospital referência no Brasil e no mundo pela qualidade em tratamentos clínicos e cirúrgicos de alta complexidade, como Transplante de Medula Óssea e Hepático.

Atuando como um centro integrado de saúde, o HNSG disponibiliza aos seus clientes uma completa infraestrutura hospitalar, agregada ao compromisso permanente com segurança e qualidade no atendimento. Como Sócio Fundador da ANAHP (Associação Nacional de Hospitais Privados), o HNSG busca estar dentro dos padrões de excelência dos melhores hospitais brasileiros.

Além disso, possui políticas de humanização, responsabilidade social e parceria público-privada em prol do ser humano, sendo responsável pela administração de mais cinco hospitais que atendem, em sua maioria, usuários do Sistema

Único de Saúde (SUS), no Paraná (Maternidade Mater Dei – Curitiba, Hospital da Providência e Unidade Materno Infantil – Apucarana, e Hospital e Maternidade de Ribeirão do Pinhal – Ribeirão do Pinhal e em Santa Catarina (Hospital Infantil Dr. Jeser Amarante Faria – Joinville).

Isso totaliza a atuação das seis Instituições do Grupo Hospitalar Nossa Senhora das Graças, mais de 60% dos atendimentos são a pacientes do SUS.

Sobre o Autor

Glaucio Erlei de Souza – Assessor de Planejamento e Filantropia do Hospital Nossa Senhora das Graças Mestre em Engenharia Biomédica, pelo (PPGEB) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, formado em Análise de Sistemas, pela Fundação de Estudos Sociais do Paraná – FESP, com especializações em tecnologia da informação e software livre, pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, e com MBA em planejamento empresarial e gestão de negócios, pela Universidade Positivo – UP.

Atua há 15 anos no setor da saúde, com carreira desenvolvida em empresas de médio e grande porte, sempre em cargos de liderança e gerenciamento. Consolidou e dedicou muito desses anos de experiência à área de gestão hospitalar, além de prestar consultoria em tecnologia e processos para hospitais em todo Brasil.

Possui ampla experiência em implantações de cunho legal, financeira, contábil, custos, filantrópica, aumento de resultado e otimização de processos aos hospitais. No HNSG, além da tecnologia da informação, é responsável pelo planejamento estratégico, filantropia, gestão de processos e riscos, núcleo da qualidade, e serviço de arquivo médico, contemplando todo ciclo de informações do hospital.

Hospital Márcio Cunha reduziu em 84% o uso dos papéis

Certificada no estágio 7 da HIMSS, a instituição atendeu a todos os requisitos necessários para ser considerada um “Hospital Digital”

Texto: Gisélle G. Olimpio



Foto: Divulgação

Ipatinga (MG)

Hospitais precisam investir em caminhos mais *Lean*. E não é apenas uma questão de adoção de tecnologias, ser *lean* é transformar os planos estratégicos para uma grande transformação digital e ter uma infraestrutura de TI flexível que possa fazer que a engrenagem funcione em harmonia.

Oportunidades surgem com mudanças, é tanto uma forma de pensar sobre o futuro do cuidado em um hospital quanto sobre as tecnologias necessárias, mas acima de tudo ter processos mais *Lean* significa mudar a mentalidade dos membros da equipe e mostrar o grande valor que será entregue a todos os pacientes: do atendimento até a alta.

No coração de um hospital está o paciente e é por ele que os investimentos são feitos, mas a vida da própria instituição precisa ser considerada para garantir a sustentabilidade, melhorias e a possibilidade de investimento constante em tecnologia e inovação. Foram essas as premissas pensadas pelo Hospital Márcio Cunha quando decidiu se preparar para o estágio 7 da HIMSS (Healthcare Information and

Management Systems Society). Hoje, o Hospital Márcio Cunha comemora a dedicação de meses de trabalho envolvendo toda a equipe, afinal a conquista do título de “Hospital Digital” confere ao HMC aderência a todos os requisitos e critérios que a HIMSS estabelece. Além de ser o primeiro hospital de Minas Gerais a conquistar o certificado, a instituição é também a primeira a alcançar o estágio 7 na categoria de hospital filantrópico de alta complexidade e a primeira a utilizar o software de gestão hospitalar Tasy, da Philips.

“Foi demonstrado o pleno uso do Prontuário Eletrônico do Paciente (PEP) por todos os setores do hospital para integração e compartilhamento de informações clínicas, gestão de relatórios e indicadores clínico-assistenciais disponíveis em todos os setores: emergência, internação, UTI, ambulatório e centro cirúrgico”, afirma José Afrânio Cotta Júnior, gerente de TI da Fundação São Francisco Xavier, administradora do hospital. “A experiência do Hospital Márcio Cunha a partir do seu sistema de gestão da qualidade aplicada em processos de auditorias para outras creditações, bem como as inovações tecnológicas

já implantadas, nos deu a segurança para tentar a certificação já no maior nível”, completa o Dr. Mauro Oscar de Souza Lima, superintendente do Hospital Márcio Cunha.

Para a conquista do certificado, a parceria com a Philips, por meio da solução Tasy foi fundamental. A implantação do software permitiu a **validação de 100% das prescrições**, aumentando ainda mais a segurança para os pacientes e a satisfação dos colaboradores. Com a utilização do Tasy observou-se confiabilidade, segurança e rastreabilidade na **checagem à beira do leito** dos itens prescritos, reduzindo os eventos adversos de erros de medicação, seja por

identificação incorreta ou erro no processo de administração de medicamento.

Além disso, o módulo de suporte à decisão clínica oferece ao corpo clínico uma série de informações e ferramentas que auxiliam os profissionais médicos durante o tratamento.

Atendendo a um dos princípios da certificação, que é se tornar um “hospital sem papel”, o Hospital Márcio Cunha **reduziu em 84%**, desde 2011, **o uso de papéis** e o número de impressões no processo de dispensação, fator que também foi avaliado pelos auditores.

Foto: Banco Philips





Patricia Pedrosa Moreira Mendes Coordenadora de Tecnologia da Informação	“Após a conquista do nível 6 em 2016, começamos as preparações para o nível 7. Foi um ano ajustando e implantando tecnologias para automatização dos processos, melhorando o acesso à informação para tomada de decisões na gestão administrativa, financeira e principalmente em toda cadeia de atendimento ao paciente. Esta conquista só foi possível com o envolvimento e dedicação de toda a equipe do hospital integrada com a equipe de Tecnologia de Informação.”
Thatiane Olivier Ticom Médica gerente de assistência	“A ferramenta auxilia a tomada de decisão, possibilita tranquilidade durante a rotina de trabalho, permite que o sistema atualize informações relevantes do paciente e alerta para necessidade de mudança de conduta. O protocolo de TEV, por exemplo, não permite que o médico esqueça esta importante profilaxia, nos orienta qual melhor conduta a ser realizada dependendo das variáveis de cada paciente. Individualiza o paciente, prioriza suas particularidades, realmente auxilia o médico do melhor a ser feito. Os cases de suporte à decisão clínica são verdadeiramente ferramentas que trazem segurança ao corpo clínico e ao paciente. Passo importante realizado, só o começo de tudo.”
Júnia Martins da Costa Farmacêutica	“O processo de implantação da conferência e validação de todas as prescrições pela farmácia clínica agregou mais segurança para os pacientes e gerou economia para a instituição através do aumento das intervenções realizadas. Também ganhamos em produtividade pois foram implantadas alterações no sistema que tornaram o trabalho mais ágil.”
Ariane V. Vieira Carvalhais Enfermeira	“O circuito fechado de medicamento proporciona segurança aos colaboradores e pacientes, uma vez que temos a garantia de que o medicamento prescrito pelo médico foi dispensado pela farmácia para o paciente correto, no momento de sua administração a equipe de enfermagem visualizará todas as informações e realizará a infusão do medicamento respeitando os 9 certos da Enfermagem.”
Emmanuel Gomes Correa Enfermeiro	“A Rastreabilidade de medicamentos durante as Emergências é uma excelente funcionalidade, pois possibilita que a equipe realize a rastreabilidade dos medicamentos utilizados em tempo real, gerando uma prescrição de emergência para o médico responsável realizar a validação, posteriormente a reposição do carro de emergência é visualizada pela Farmácia que dispensa os medicamentos para a unidade, otimizando o processo e garantindo segurança.”

HIMSS e Tasy

Por Daniela Maito, Nutricionista e Analista de Negócios Philips

A HIMSS é uma organização americana sem fins lucrativos que tem o intuito de promover e engajar o uso de sistemas de gerenciamento e tecnologia de informação no setor de cuidados da saúde. Em 2005, foi desenvolvido o Modelo de Adoção de Prontuário Médico Eletrônico (EMRAM) como uma metodologia para a avaliação do progresso e do impacto dos sistemas de prontuários médicos eletrônicos para hospitais presentes no banco de dados HIMSS Analytics. O intuito desta metodologia é estimular a excelência na prestação de serviços de saúde, ápice que só pode ser alcançado pelos hospitais que tem nas soluções de TI seu mais poderoso parceiro.

O estágio 7 é o estágio máximo de certificação obtida por um hospital por meio da comprovação de processos clínicos e operacionais em meio digital. Os hospitais do estágio 7 demonstram uma implementação e utilização dos sistemas de TI de saúde, sendo estas realizadas através de compartilhamentos e trocas de informações e retorno imediato de dados de pacientes para melhorar o desempenho do processo, a qualidade dos cuidados e a segurança.

Os principais benefícios em alcançar o estágio máximo de certificação HIMSS são: melhorar a saúde por meio da TI e uni-la aos cuidados médicos e assistenciais, proporcionando o aumento de produtividade, agilidade nas rotinas assistenciais e operacionais, maior precisão no diagnóstico e segurança no atendimento ao paciente. Para que estes processos sejam realizados de forma precisa e segura e expressem resultados positivos e a instituição obtenha sucesso, é necessário unir dois vértices e uma base, similar a uma pirâmide: **time de TI e corpo clínico partícipes, decididos e engajados, e um software que proporcione os meios para execução dos processos.**

Por meio da solução Tasy, a Philips promove recursos para que os clientes alcancem o estágio máximo de certificação, proporcionando a integração com as diversas áreas da instituição, possibilitando, assim, a análise detalhada e segura de dados sigilosos. Como todos os itens prescritos fazem parte do circuito fechado de medicação, a solução contempla a checagem à beira do leito, seja por dispositivo móvel ou pelo *desktop*. Com a aplicabilidade de protocolos assistenciais, a solução auxilia o profissional na tomada de decisões. Para que os profissionais médicos e farmacêuticos tenham acesso às informações relevantes do paciente e possibilite uma análise detalhada dos itens a serem prescritos, a solução Tasy apresenta interações entre fármacos, nutrientes, CID's, exames laboratoriais, reconciliação medicamentosa e outros benefícios relacionados à farmácia clínica. O Tasy é um software interoperável, conforme o padrão FHIR, da HL 7.

A solução Tasy oferece todos os recursos necessários para atender as instituições de saúde a alcançarem níveis de excelência para o estágio 7 da HIMSS, promovendo qualidade, segurança e custo-benefício nos processos assistenciais e operacionais.



Foto: Banco Philips

Hospital Santa Paula utiliza o Tasy em Oncologia

Rastreabilidade e registro de todas as etapas de atendimento do paciente oncológico

Texto: Gisélle G. Olimpio

Fotos: Divulgação



Christiane Padovani
Gerente de Qualidade



Dr. Otavio Celso Eluf Gebara
Superintendente Médico



Carla Simone Fernandes
Gerente Farmácia e Suprimentos

São Paulo - SP

A famosa Revolução 4.0 já chegou na área da saúde. Dentro da quarta revolução industrial, sob a já conhecida “indústria 4.0”, o processo de digitalização em saúde também dá um salto sem precedentes. Não apenas hospitais estão sendo impactados por esta revolução digital, mas também os pacientes, que cada vez mais se empoderam do conhecimento sobre a sua própria saúde. É assim que instituições e a sociedade estão evoluindo rumo à prevenção das doenças.

A digitalização está modernizando o setor da saúde ao redor do mundo e os sistemas de informação aprimoram o fluxo de trabalho, aumentam a produtividade e geram dados importantes de todo o cuidado do paciente.

Para a Gerente de Qualidade do Hospital Santa Paula, Christiane Padovani, um dos maiores impactos de um sistema de informação está diretamente relacionado ao paciente.

“Com a utilização do Prontuário Eletrônico do Tasy, em que podemos definir o conteúdo e formato dos registros, avaliações e prescrições, é possível identificar com segurança o profissional que fez o registro, bem como garantir a segurança dos dados e integridade das informações. Além disso é possível acessar resultados de exames de imagem e laboratoriais, avaliar riscos dos pacientes nas escalas e avaliações e ainda gerar relatórios e indicadores assistenciais”, comenta Christiane.

Mas os sistemas de informação na área médica ainda vão além do prontuário eletrônico e da análise de dados. Eles permitem que o hospital tenha processos mais *lean*.

“O paciente com câncer precisa de uma abordagem multidisciplinar que funcione com agilidade, harmonia/integração e humanização”, destaca o Superintendente Médico, Dr. Otavio Celso Eluf Gebara. “Assim, ferramentas tecnológicas que permitam isso garantem melhor qualidade de vida para os pacientes.

A evolução tecnológica permite o rápido e preciso diagnóstico, agilidade no início do tratamento personalizado, seguindo protocolos adequados. Melhora a aderência a protocolos e possibilita o melhor rastreamento de complicações e desvios do objetivo inicial” diz o Superintendente Dr. Otavio.

Um universo de possibilidades para o atendimento do paciente oncológico acontece quando a tecnologia é utilizada em favor das melhores práticas; afinal, é necessário que haja sustentabilidade do negócio para a instituição e segurança para o paciente.

No Hospital Santa Paula funciona assim: o sistema de gestão em saúde Tasy possibilita o registro de todas as etapas de atendimento do paciente oncológico, gerando rastreabilidade e otimizando os processos, o que representa diminuição do tempo de atendimento. São vários exemplos: o aumento de eficiência e agilidade é visível no agendamento de cirurgias, em que há possibilidade de integrar



Foto: Banco Philips

as informações de saúde e necessidades de cada paciente para o procedimento cirúrgico (reserva de sala, reserva de sangue, OPME, equipamentos especiais); na classificação de risco na emergência, com o auxílio no fluxo de atendimento do paciente de acordo com a sua classificação de risco; com os protocolos assistenciais, em que ocorrem a padronização de determinadas linhas de cuidado (IAM, AVC, Seps), integrando informações para a equipe multidisciplinar e diminuindo variabilidade de tratamento e cuidados; e, por fim, com o histórico de saúde completo que integra informações de passagens anteriores do paciente.

Oncologia e suas particularidades

Carla Simone Fernandes, Gerente da Farmácia e Suprimentos, comenta que o módulo de quimioterapia do Sistema Tasy permite a gestão da agenda de quimioterapia, gestão do paciente durante a permanência na Instituição, interligação com o prontuário do paciente e registro de liberação da prescrição de quimioterapia.

Toda a prescrição de medicamentos oncológicos é realizada pelos médicos no Tasy e para a manipulação dos medicamentos oncológicos são usados os perfis de Quimioterapia, Gestão de Prescrições e o GEDIPA (Gestão da Dispensação dos Processos ADEP), ocasionando o controle completo de toda a separação, preparação, manipulação e higienização dos medicamentos, antes de serem administrados ao paciente. Carla enfatiza que por meio do módulo de Quimioterapia é possível ter acesso à agenda do dia, em que a enfermagem faz o processo de atendimento do paciente sinalizando para a farmácia o *start* de continuidade do fluxo; a prescrição fica disponível para a farmácia na gestão da prescrição, que realiza a análise da prescrição e liberação para início de preparo. O GEDIPA permite a cobrança, emissão de etiquetas e o acompanhamento das preparações em cabine de segurança biológica.



Sobre o Hospital Santa Paula

Número de leitos: 199

Número de leitos UTI: 59

Número de colaboradores: 900

Número de internações/mês: 1.100

Número de exames realizados/mês: 170.000

Profissionais usuários do sistema Tasy: 1.200

Certificações: ONA nível 3, Joint Commission International, HIMSS 6, AQUA (Sustentabilidade) e Selo do Idoso



Foto: Divulgação

São processos digitais, *lean* e seguros que aproximam cada vez mais os hospitais do conceito da Revolução 4.0 em saúde. Veja como o Hospital Santa Paula obtém processos mais enxutos, evitando desperdício e aumentando a eficiência dos seus processos:



Cessar erros

A informatização dos processos reduz muito as falhas envolvidas em todas as etapas, pois elimina erros ligados à ilegibilidade, omissão de informações, extravio de documentos, entre outros. Ex.: no processo de prescrição de medicamentos oncológicos, os erros ligados à prescrição foram reduzidos com a implantação do Tasy (tratamento oncológico): erros ligados à ilegibilidade, erros ligados à via/dose/frequência – isso porque o sistema permite o cadastro dos protocolos oncológicos, os cálculos de doses de acordo com o peso e a superfície corpórea atualizados.



Eliminar desperdício

A gestão do estoque é facilitada, pois o sistema permite o registro de: movimentações (entrada/saída), baixa dos materiais e medicamentos por código data matrix na conta do paciente (sempre vinculado à prescrição médica), empréstimos (entrada/saída), baixa por obsolescência ou quebra. E tudo fica registrado no sistema ligado ao login do usuário, facilitando a rastreabilidade do processo.



Diminuir os custos

O Tasy permite o vínculo da baixa de materiais e medicamentos (mat/med) ligados à prescrição médica, reduzindo erros e retrabalhos, além de permitir as barreiras de dispensação de mat/med errados, próximos ao vencimento e vencidos, promovendo maior segurança para o processo de dispensação. O uso de um prontuário eletrônico unificado em todas as áreas do hospital (pronto-socorro, ambulatório e internação) reduz a solicitação de exames repetidos/desnecessários e permite um tratamento uniforme do paciente durante toda sua rota assistencial. Tudo isso representa diminuição de custos.



Evitar riscos

Infecção hospitalar: vigilância epidemiológica e busca ativa de infecções, com consulta ao Prontuário Eletrônico do Paciente.

Prevenção de queda: utilização da Escala de Morse no sistema. Cadastros realizados na SAE (Sistematização da Assistência da Enfermagem) para realização da prescrição de enfermagem baseada nos riscos identificados.

Identificação do paciente: importante investir na checagem beira do leito das medicações utilizadas. Atualmente, o Hospital Santa Paula está em fase de expansão dessa tecnologia na instituição. A integração com dispositivos móveis que possibilitem o registro beira do leito no momento do procedimento/assistência certamente evita erros de troca de pacientes e procedimentos.

Risco de desenvolver TEV (tromboembolismo venoso): utilização da Escala de TEV integrada ao sistema. A escala gera relatório do risco dos pacientes, bem como já sugere a profilaxia recomendada pelo protocolo de TEV.



Integrar

Sinais vitais e monitoramento: o registro fácil de sinais vitais por meio de conectividade com monitores e aparelhos portáteis (glicemia) permite praticidade ao profissional de saúde.



Tasy é utilizado para detecção precoce de Sepsis no Hospital Unimed Rio

98% das hemoculturas coletadas em menos de 40 minutos

Texto: Unimed Rio



Foto: Divulgação

Fotos: Divulgação



Dr. Gabriel Massot
Diretor da Unimed Rio
Empreendimentos



Dr. Edson Pires
Diretor do Hospital Unimed Rio

Rio de Janeiro – RJ

O Hospital Unimed Rio está voltado a procedimentos de média e alta complexidade e foi concebido para ser um centro nacional de referência médica. Foi inaugurado em janeiro de 2013. Atualmente, possui 213 leitos, dentre os quais 132 são destinados à unidade de internação clínica e cirúrgica, e 81 são destinados ao Centro de Terapia Intensiva e 11 salas de cirurgias. O hospital tem entre seus principais objetivos utilizar o prontuário eletrônico em sua plenitude, e todas as operações acontecem com mínimo uso de papel, em um sistema integrado com as demais unidades da rede própria da Unimed Rio.

De acordo com o Dr. Gabriel Massot, Diretor da Unimed Rio Empreendimentos, que controla os estabelecimentos Hospital Unimed Rio, Pronto Atendimento Copacabana, Pronto Atendimento Barra da Tijuca e EPVM – Espaço para Viver Melhor, a excelência na qualidade da assistência prestada pelas unidades é apoiada pelo sistema Tasy de forma consistente.

Controle de Sepses

Sepses é um problema de saúde global, responsável por milhões de óbitos todos os anos em todo o mundo. Por se tratar de um quadro grave, a Sepses requer tratamento rápido e preciso. Por isso, instituições de saúde como o Hospital Unimed Rio buscam continuamente atualizar e melhorar os seus processos para detecção e tratamento precoce da sepsis.

“Quando há suspeita de sepsis, a agilidade e o envolvimento de todo o time que cuida do paciente é primordial, por isso é essencial utilizarmos a tecnologia em favor da vida. Com os processos bem alinhados ao fluxo do atendimento e alertas que o sistema gera, as chances de detecção e tratamento precoce aos pacientes é bem maior”, destaca o Dr. Edson Pires – Diretor Médico do Hospital Unimed Rio.

A instituição utiliza várias funções do Prontuário Eletrônico do Paciente – PEP do sistema Tasy para detectar precocemente a sepsis e garantir o cuidado adequado ao

paciente. Fluxos que envolvem triagem, ficha 3 horas e ficha de avaliação de 6 horas do pacote de sepsis possibilitam a identificação e o seguimento do tratamento de sepsis pela equipe multidisciplinar em saúde.

O sistema possibilitou a criação de um alerta que apresenta a combinação de alterações de sinais vitais e resultados de exames laboratoriais específicos referenciais para suspeita de sepsis. Este alerta é visualizado por todos os profissionais de saúde ao acessar o PEP, o que aumenta as chances de detecção precoce da sepsis. Geralmente é o enfermeiro que realiza a triagem do paciente documentando em uma avaliação feita no sistema Tasy as alterações de sinais vitais, exames laboratoriais e disfunções orgânicas. Ao preencher a ficha de triagem o sistema emite uma comunicação interna para o grupo de gerenciamento do protocolo.

Utilizando o recurso do sistema de “vincular paciente em um grupo”, foi possível atender uma solicitação dos avaliadores de certificação por Distinção na Identificação e Tratamento da Sepsis do IQG, de que quando o paciente estiver inserido no protocolo de Sepsis uma sinalização esteja visível para todos os profissionais, conforme relata Enf. Me. Rosane Barreto Cardoso – Enfermeira de Desenvolvimento Operacional e Administrativo/Processos Assistenciais TI do Hospital Unimed Rio.

Outra melhoria com a utilização do sistema Tasy foi a criação de um painel que apresenta os exames laboratoriais e de imagem específicos do protocolo de sepsis. Os cadastros dos exames já determinam se eles fazem parte do protocolo, portanto, no momento em que o médico prescreve os exames, o serviço de laboratório é avisado de que é necessário que a coleta ocorra em menos de 30 minutos.

“Com a criação do painel de exames laboratoriais no sistema Tasy conseguimos melhorar o tempo de coleta e consequentemente o tempo de emissão dos resultados desses exames na instituição, agilizando assim a tomada de decisão médica perante o quadro clínico do paciente”, destaca o Dr. Luiz Fernando Simvoulidis – Coordenador Médico da UTI Geral e Protocolo de Sepsis do Hospital Unimed Rio.



A meta do protocolo preconiza que em até 40 minutos as hemoculturas sejam coletadas. Fazendo um **comparativo desse indicador, em janeiro de 2017 28% das hemoculturas foram coletadas em até 40 minutos no Hospital Unimed Rio, ao passo que em outubro do mesmo ano esse indicador subiu para 98%**. De acordo com a Enf. Me. Rosane Barreto, após a implantação de melhorias como o painel com exames laboratoriais e de imagem, fluxos de triagem, fichas e informações integradas com o laboratório, à aderência dos profissionais aos processos no sistema Tasy aumentou. Ela também enfatiza que foi fundamental a convergência entre equipe TI e assistencial para aderência do processo informatizado, este facilitado e apoiado pelo gestor de TI do hospital.

Antimicrobianos

A identificação rápida da sepse e o uso de antimicrobianos específicos na primeira hora, logo após o diagnóstico, são medidas indispensáveis que possibilitam a sobrevivência do paciente. Todos esses cuidados estão relacionados com um único objetivo principal: a detecção precoce a fim de diminuir a letalidade por sepse. De acordo com o estudo “SPREAD – Sepsis Prevalence Assessment Database”,¹ realizado pelo Instituto Latino-americano de Sepse, o ILAS, no Brasil 1/3 dos leitos de UTI está ocupado com pacientes com sepse grave e choque. Esse fato demonstra o impacto que a Sepse representa para o país, tanto em termos de recursos alocados quanto na indisponibilidade de leitos.

Nesse mesmo estudo, a letalidade global das instituições que participaram foi de 55%. Ainda sob o ponto de vista mundial, infecções por sepse causam mais óbitos que o câncer de intestino, mama e próstata juntos.

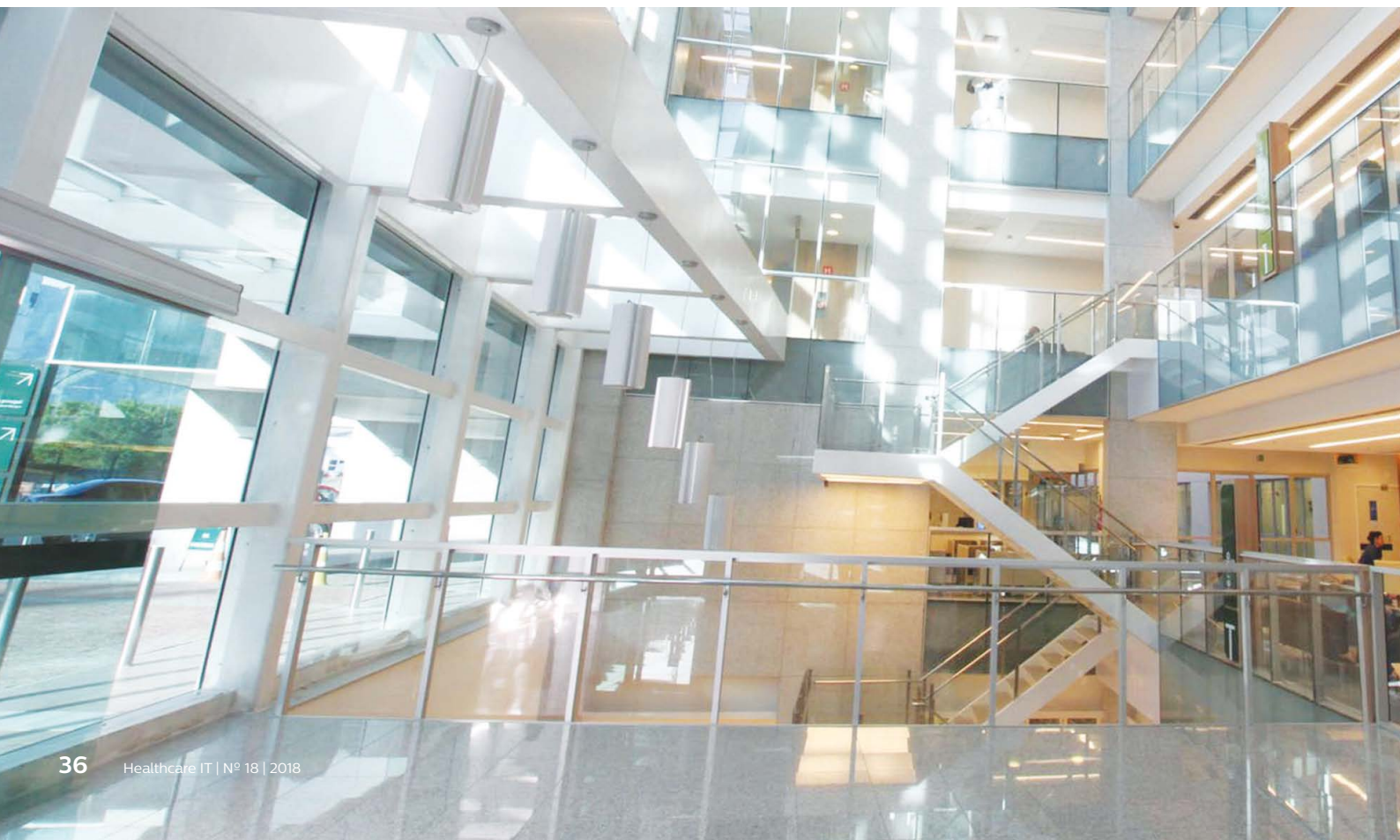
Esses dados reforçam a importância do tema. Não é o gasto com ferramentas e tecnologia, mas o benefício que essas ferramentas podem trazer para os hospitais e os seus pacientes. No Hospital Unimed Rio a **taxa de letalidade por Sepse** em outubro de 2017 foi de 13%, abaixo inclusive da referência divulgada pela ANAHP (Associação Nacional de Hospitais Privados), cujo percentual é 18,47%.

Utilizando a função “Pesquisa Avaliação Paciente” no sistema Tasy, a instituição ainda pode gerar gráficos dos tempos de atendimentos, quantidade de fichas preenchidas, qual o local de atendimento em que as fichas foram abertas, quais pacientes foram inseridos no protocolo de sepse, entre outros. Assim, o gestor consegue avaliar em que setores há mais criticidade relacionada ao problema. “Com a criação das fichas no sistema Tasy foi possível extrair dados para mensurar e adequar os tempos de coleta de exames e administração do antibiótico, otimizando a operacionalização do protocolo de sepse na instituição”, relata Enf. Ana Carolina Rodrigues Fortes, do Grupo de Gerenciamento de Protocolos no Hospital Unimed Rio.

Protocolo de Glicemia no Sistema Tasy

Possibilidade de interfaceamento do aparelho portátil de glicemia capilar e apoio à tomada de decisão da equipe multidisciplinar.

Pensando em segurança, autonomia e agilidade, o Hospital Unimed Rio utiliza novidades também no processo de controle de glicemia. Utilizando um aparelho portátil que realiza o hemoglicoteste (HGT), a execução do exame ficou ainda mais simples. O fluxo do procedimento ocorre da seguinte forma: o profissional de saúde realiza a leitura do



código de barras do seu crachá e faz a leitura da pulseira de identificação do paciente e da tira reagente. Na sequência, insere a tira para medição de glicose e coleta a amostra de sangue para realização do exame.

Automaticamente, o equipamento faz a transmissão dos dados para o Prontuário Eletrônico do Paciente (PEP) no Tasy via wifi. De acordo com a Enf. Me. Rosane Barreto, um dos grandes benefícios desse processo é que não há mais necessidade de transcrever para o sistema os resultados obtidos no exame. “Quanto menos utilizarmos processos manuais, mais segurança e agilidade no atendimento ao paciente”, finaliza Rosane.

O sistema Tasy disponibiliza o recurso “Protocolo de glicemia”, que viabiliza o cadastro de condutas para cada valor de resultado de HGT. O médico no momento da prescrição escolhe o protocolo de controle glicêmico adequado à clínica do paciente. O profissional, geralmente da equipe de enfermagem, visualiza o resultado interfaceado de HGT na tela de sinais vitais no sistema Tasy e lança o valor na função de Administração Eletrônica da Prescrição (ADEP). Ao checar a prescrição de controle glicêmico prescrito pelo médico no ADEP, o sistema direciona a equipe de enfermagem quanto à quantidade de insulina ou glicose que deverá ser administrada ao paciente. Além de emitir um alerta visual na tela do ADEP quanto aos valores de resultado de HGT considerados críticos, conforme as diretrizes da Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD) - 2015-2016.

Dr. Edson Pires, Diretor Médico do Hospital Unimed Rio, comenta que a possibilidade de integração do sistema Tasy

com o aparelho portátil de HGT facilitou a disseminação da comunicação do resultado do exame, **priorizando a tomada de decisão da equipe multidisciplinar diante de um resultado crítico.**

O interfaceamento dos dados para o sistema Tasy também possibilitou a emissão de laudo do resultado do exame de HGT realizado no equipamento portátil, este contendo dados do exame (data e hora da coleta da amostra, valores de referência, limitações técnicas da metodologia e dados para interpretação e observações pertinentes), identificação do profissional que realizou o exame, dados completos de identificação do paciente contidos no PEP e identificação do responsável técnico do serviço de laboratório. Segundo Vera Lucia Vergette de Almeida - Coordenadora do Laboratório de Análises Clínicas do Hospital Unimed Rio, a resolução 302/2005 preconiza a emissão de laudos com as especificações de limitações diagnósticas e demais indicações para exames feitos em aparelhos de testes laboratoriais remotos (TLR) ou também conhecidos como *Point-of-care testing* (POCT).

Os TLR ou POCT são importantes para o diagnóstico precoce de algumas doenças, sendo realizados por meio de um equipamento laboratorial portátil que pode ser realizado à beira do leito, o que dispensa o transporte da amostra até um laboratório central (RDC 302/2005).

Foi criada uma avaliação no Tasy para registro da comunicação do valor crítico e descrição das ações referentes ao resultado de HGT, esta efetuada pelo profissional que realizou o HGT. Utilizando a função “Pesquisa Avaliação Paciente”, é possível extrair dados do paciente, setor e ações mitigadas pela equipe assistencial mediante os resultados críticos. Edson Oliveira, Supervisor do laboratório de análises clínicas do Hospital Unimed Rio, relata melhoria do controle do gerenciamento dos resultados de HGT, com o interfaceamento e registro da comunicação de valor e conduta do resultado no sistema Tasy.

Em ambos os casos relatados, é unânime a constatação dos envolvidos de que o apoio irrestrito da Gestão de TI foi fundamental para o sucesso dos projetos.

Fontes:

Diretrizes da Sociedade Brasileira de Diabetes (2015-2016) / Adolfo Milech...[et. al.]; organização José Egidio Paulo de Oliveira, Sérgio Vencio - São Paulo: A.C. Farmacêutica, 2016.

ANVISA. RDC Nº. 302, de 13 de outubro de 2005. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para funcionamento de Laboratórios Clínicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.



Foto: Divulgação

Tasy, da mamãe ao bebê

Solução de gestão em saúde Tasy gera dados confiáveis para tomada de decisão, aprimorando o atendimento dos pacientes da Perinatal

Texto: Gisélle G. Olimpio

Rio de Janeiro - RJ

O maior desafio para transformar um hospital do papel para o digital é o convencimento das equipes acerca dos benefícios da tecnologia. Não raro, profissionais de TI e gestores enfrentam dificuldades quando o assunto é convencer os usuários a utilizar um software ou uma solução que irá substituir um processo consolidado no papel.

“Sair do papel para o digital é desapegar, e durante muitos anos os profissionais médicos, por exemplo, foram treinados para preencher prontuários em papel.

É um desafio mudar a cabeça das pessoas, mas após mudar e conhecer os benefícios das ferramentas digitais não conseguem mais viver sem”, comenta Dr. Renato Sá, Diretor da área de Medicina fetal, Obstetrícia e Diagnóstico da Perinatal.



Fotos: Divulgação



Dr. José Maria Lopes
Sócio Diretor da Perinatal



Dr. Renato Sá
Diretor da área de Medicina Fetal,
Obstetria e Diagnóstico
da Perinatal





Para uma área tão sensível, que enxerga como um paciente um bebê ainda dentro do útero da mãe, exatamente com as mesmas características de qualquer outro paciente, a tecnologia é um instrumento muito importante. Informações integradas ajudam no fluxo do raciocínio médico e monitoramento dos bebês. Dr. Renato destaca que na Perinatal todo o fluxo de assistência está dentro do sistema Tasy. “É o nosso principal instrumento de coordenação das informações e fluxo de atendimento, desde a chegada do paciente até o processo de internação e alta”, relata Dr. Renato.

Cuidar da mulher, da gestante, antes e depois do parto, do feto e dos bebês recém-nascidos é uma tarefa particularmente bela e delicada. A ONU estima que a população mundial cresça a um ritmo de 1,2%, o que significa que aproximadamente 211.000 pessoas nascem por dia. Isso daria uma média de quase 3 nascimentos por segundo, ou 180 por minuto.

Foto: Banco Philips

São muitos bebês e mulheres que todos os dias precisam de um hospital, de um médico, de um enfermeiro, precisam de cuidados.

De acordo com Marcelo Moraes, Diretor de TI da Perinatal, as ferramentas de TI no hospital atendem a objetivos claros: proporcionar melhor serviço ao médico assistente; gerar dados confiáveis para auxiliar a tomada de decisões; aprimorar o atendimento; reduzir riscos às pacientes; e minimizar os processos burocráticos. O foco dessas ferramentas é obter ganhos em agilidade, segurança, comodidade e atendimento. Tais soluções visam sempre otimizar o dia a dia atarefado do corpo clínico e a relação médico-paciente. “O uso da TI na rotina dos médicos e do funcionamento da Perinatal marcam a evolução para um Hospital Digital”, destaca Marcelo.

Os profissionais de Enfermagem também ficam impressionados com a agilidade da informação no sistema. Após a implantação do software de gestão Tasy, todos os profissionais podem imputar dados no prontuário do paciente ao mesmo tempo, sem a necessidade de esperar. Caroline Pavlu Matioli Moraes, Enfermeira Gerente da UTI Neonatal da Perinatal, destaca que – como gestora – tem em suas mãos os indicadores necessários para a tomada de decisão. “Dados de internação, alta, taxa de ocupação, perfil epidemiológico, tempo de internação conforme o peso, infecção relacionada a cateter, entre tantos outros, são dados imprescindíveis para um gestor. O Tasy é nosso aliado no controle desses indicadores”, comenta Caroline.

Uma das características do Tasy é ajudar os profissionais a dedicar mais tempo ao que realmente importa: o paciente. “Hoje, já pela manhã, enquanto a enfermeira está produzindo de forma organizada a SAE (Sistematização da Assistência de Enfermagem) no Tasy, o médico também faz a evolução e prescrição do bebê da UTI Neonatal. Além disso, também é definida a conduta multidisciplinar para o dia (por exemplo, retirar um cateter epicutâneo, retirada de uma medicação etc). Tudo isso acontece de forma digital e com agilidade, deixando mais tempo para a discussão dos casos entre os profissionais e para o cuidado dos pacientes.

Redução de custos

Para o Dr. José Maria Lopes, Sócio Diretor da Perinatal, a tecnologia tem ajudado muito o hospital a reduzir custos em muitos processos. Desde a integração das informações, que possibilita o compartilhamento em tempo real entre os departamentos, o prontuário eletrônico e a prescrição eletrônica até processos que envolvem a rastreabilidade de medicamentos e alertas. “Percebemos redução de glosa após a utilização do Tasy, sabemos que ter um prontuário eletrônico preenchido corretamente, principalmente no que se refere à prescrição dos medicamentos, é imprescindível para que as operadoras não recusem o pagamento. Não há dúvida de que o Tasy trouxe redução de processos manuais e otimizou o tempo dos nossos profissionais”, comenta o Dr. José Maria Lopes.



Foto: Divulgação

Perinatal e a tecnologia

Calculadora de dose terapêutica – mede dosagens de medicação automaticamente no sistema Tasy de acordo com o peso do paciente, minimizando erros.

Monitoramento da saturação – os dados captados pelo monitor são registrados diretamente no Tasy, sem a necessidade de intermediários e minimizando o risco de falha humana. Esta automação também foi aplicada para dados de frequência cardíaca e respiratória.

UTI Neonatal – As UTIs Neonatais da Perinatal fazem parte da Rede Vermont-Oxford, uma rede internacional de controle de qualidade. Os dados clínicos da evolução dos recém-nascidos de todas as instituições participantes são cruzados, objetivando conseguir os melhores índices de performance e qualidade de atendimento.

Rastreabilidade das medicações – no Tasy é possível controlar toda a separação, preparação, manipulação e higienização dos medicamentos, antes de ser administrados ao paciente.

Checagem de refeições integrada ao Tasy

Menos burocracia no Hospital Santa Catarina de Blumenau

Texto: Gisélle G. Olimpio



Foto: Banco Hospital Santa Catarina de Blumenau

Blumenau - SC

Do esparadrapo à linha de sutura, um hospital tem diariamente muitos itens de cada atendimento que precisam ser contabilizados. De um lado, o hospital precisa cobrar por todos os itens utilizados e procedimentos realizados, de outro os convênios também possuem regras específicas que precisam ser seguidas para que a glosa não ocorra.

No Hospital Santa Catarina de Blumenau (HSC) a cobrança de refeições de acompanhantes ocorria por meio manual. Eram entregues comandas em papel para que o acompanhante assinasse o recebimento da refeição e para o posterior lançamento dos valores na conta do paciente. Esse processo demandava tempo e era passível de falhas, perdas financeiras em razão do extravio de comandas, ausência de lançamentos e atraso no encaminhamento das comandas ao Setor de Faturamento.

Pensando em melhoria, o Serviço de Nutrição do HSC, em parceria com o setor de TI, Internação e Faturamento, buscou na tecnologia uma forma de otimizar o processo através da informatização da cobrança de refeições.

Checagem de refeições integrada ao sistema Tasy

Utilizando a solução Tasy, o HSC melhorou o processo relacionado à cobrança de refeições, tornando-o mais confiável e menos burocrático.

Como funciona: ao gerar o atendimento do paciente de convênio, deve-se informar se este possui acompanhante e a quais refeições o acompanhante possui direito.

O acompanhante do paciente deve ser registrado na função Controle de Visitas pelo setor de Visitas e receber etiqueta de identificação de acompanhante. No processo de geração do serviço (refeição) pelo Setor de Nutrição, serão listados os pacientes e os acompanhantes que possuem direito à refeição.



Foto: Banco Hospital Santa Catarina de Blumenau

No momento da distribuição das refeições, a Copeira identifica o acompanhante no quarto e faz a leitura da etiqueta na função Execução da Prescrição por meio de código de barras com o uso do dispositivo móvel, gerando automaticamente a cobrança do serviço na conta do paciente. O sistema permite emitir um relatório com a identificação do horário da execução, nome da copeira responsável pelo atendimento e o nome do acompanhante que recebeu a refeição.

No momento do lançamento, por meio das regras de convênio será verificado se esta refeição já foi lançada no dia, impossibilitando lançamento em duplicidade, caso o convênio não permita.

Resultados alcançados:

- cobrança efetiva da refeição de direito na conta do paciente , evitando falhas de lançamento e perdas financeiras;
- agilidade no processo de cobrança (menos burocracia e otimização do tempo);
- validação do Convênio, garantindo a efetividade do processo;
- comprovação registrada em sistema do consumo de refeições realizadas pelo cliente;
- resultado sustentável: redução de resíduos (blocos, comandas);
- satisfação do cliente: maior conforto e confiança no processo de cobrança;
- satisfação da equipe: praticidade e efetividade do processo.



Depoimentos:

“A implantação do sistema foi espetacular. Com o novo equipamento, alinhado à tecnologia, é possível realizar cobranças do serviço da Nutrição com agilidade, trazendo aos nossos clientes conforto e segurança do serviço prestado.”

Vanessa Amaral - Copeira

“Para o setor de Nutrição, esse novo formato de cobrança tem facilitado de forma significativa, otimizando o tempo da equipe, trazendo segurança e maior conforto para o paciente/acompanhante.” **Joziane Thurow - Nutricionista Clínica**

“A informatização no sistema de cobranças do Serviço de Nutrição trouxe praticidade e segurança ao processo, evitando perdas e garantindo as informações, agilizando o serviço dos nossos colaboradores, refletindo na melhoria do atendimento aos nossos clientes.”

Débora B.E. Corsi- Nutricionista Distribuição



GUERRA ao desperdício

Utilize a tecnologia em seu favor. Reduza custos e aumente a qualidade.

Texto: Gisélle G. Olimpio e Delson Morilo Langaro

O que eleva os custos hospitalares? Um dos grandes problemas da saúde, principalmente nos hospitais, é o desperdício. Aqui está um motivo forte para elevação dos custos. Custa caro desperdiçar, desde o medicamento, erros, medicação aplicada em dosagem errada, reinternações e complicações até o tempo para análise e detecção de problemas. Alguns bilhões de reais são consumidos todos os anos apenas para pagar a conta desse tipo de problema.

De acordo com o Anuário da Segurança Assistencial Hospitalar no Brasil,¹ dos 19,1 milhões de brasileiros internados em hospitais ao longo de 2016, 1,4 milhão foram “vítimas” de ao menos um evento adverso. No mundo, de acordo com o documento, ocorrem anualmente 421 milhões de internações hospitalares e 42,7 milhões de eventos adversos.

Mas, afinal, como trazer maior eficiência para dentro do hospital? Diminuindo o desperdício e erros por meio de processos mais *Lean*.

Ultrapassando as barreiras dos automóveis, as boas práticas preconizadas pela filosofia de gestão *Lean* se agigantam no ramo da saúde. Desde o Sistema Toyota, onde tudo começou, muitos setores estão usando essa filosofia para melhorar os seus processos e evitar desperdício. De acordo com o Lean Institute Brasil,² “toda iniciativa *Lean* precisa estar embasada em propósitos claramente definidos e orientados à criação de valor para o cliente; além disso, para sustentar o esforço de transformação, mecanismos gerenciais precisam ser criados ou modificados e o comportamento das lideranças deve ser condizente com as novas premissas”. Mas o que é realmente entregar valor ao cliente? É ter **100% do processo acontecendo como o previsto**, sem erros, sem elementos que gerem algum tipo de desperdício.

Você é uma pessoa *Lean*?

Se ainda não é deve, e com urgência, começar a pensar sobre isso.

Em um mundo cada vez mais globalizado e mais competitivo, produtos e serviços são varridos do mapa, engolidos por uma obsolescência quase instantânea. O mercado de trabalho está passando por mudanças em uma velocidade nunca vista e a incorporação de tecnologia, seja através de robôs, inteligência artificial ou novos equipamentos, tem substituído rapidamente postos de trabalho baseados em serviço braçal ou repetitivo.

No setor industrial essas mudanças e as consequentes diminuições dos postos de trabalho não apontam para o futuro, elas já ocorreram. Agora a novidade é a velocidade com que essas mudanças avançam no setor de serviços, o nosso setor. A internet e suas plataformas, como Uber, Airbnb, Amazon etc. vêm mudando a maneira como adquirimos produtos e serviços através de novos conceitos e novas tecnologias.

Estaremos nós, seres humanos, nos tornando obsoletos?

Se não conseguirmos incorporar os novos conceitos e as novas tecnologias, a resposta com certeza é SIM. Precisamos estar abertos às novidades do mundo moderno para “sobrevivermos” no novo mercado de trabalho, mas apenas isso não é o bastante. Devemos cuidar para que o serviço que prestamos não se torne uma commodity, ou seja, algo comum, barato e de baixo valor agregado.

A grande vantagem dessa nova onda no mercado de trabalho é a eficiência das máquinas em tomar o lugar do ser humano no trabalho repetitivo, fazendo melhor, mais rápido e mais barato. Não temos como lutar nesse quesito. Contudo, a maior força dessa mudança é também é a sua maior fraqueza – cabe-nos explorá-la a nosso favor.

Máquinas fazem apenas trabalhos previamente definidos e padronizados. Não conseguem pensar “fora da caixa”, mas você pode. Nós, se quisermos, temos a capacidade de avaliar situações e descobrir novos caminhos, novas oportunidades de agregar valor.

Se você também pensa assim, parabéns. Você está no caminho certo para se tornar *LEAN*.

Você utiliza a tecnologia em seu favor?

Embora as estatísticas mostrem números extremos de desperdício dentro dos hospitais, a evolução tecnológica e de mudança cultural também tem inundado gestores de todas as categorias em saúde. Fazer mais com menos é o que o mercado exige e isso também se aplica ao mercado da saúde, mas sem comprometer os indicadores financeiros e de qualidade.

Para entendermos melhor como o *Lean* já está em nosso dia a dia, vamos abordar os principais desperdícios que a filosofia *Lean* aborda:

- 1 Transporte (Ex.: movimento de materiais de um local para outro)
- 2 Estoque (Ex.: manter mais do que o necessário no hospital)
- 3 Movimentos desnecessários (Ex.: laboratório longe do pronto-socorro, ir até a farmácia)
- 4 Tempo de Espera (Ex.: tempo para atendimento no pronto-atendimento)
- 5 Superprocessamento (Ex.: transcrição de prescrição, redigitação)
- 6 Superprodução (Ex.: em hospitais, compra de materiais e medicamentos, cadeia de suprimentos)
- 7 Defeitos (Ex.: Erros de prescrição e administração de medicamentos)
- 8 Desperdício de potencial humano (Ex.: Processos manuais que podem ser substituídos por máquinas, falta de treinamento)

Tudo pode ser melhorado, mas com as ferramentas certas fica mais fácil para os profissionais.

Então, você conseguiu vislumbrar os seus processos em algum desses 8 itens? Quais são as suas estratégias para não desperdiçar? Você ainda tem profissionais não treinados? Sua taxa de ocupação hospitalar é baixa? Fatura realmente tudo o que produz? São muitos desafios que precisam ser enfrentados.

A Philips, por meio de suas soluções de gestão em saúde, ajuda os profissionais e instituições a ter processos mais *Lean*, mais enxutos. Com um sistema por trás da sua decisão os resultados são melhores, há mais controle, velocidade e, consequentemente, redução dos custos. Além disso, é possível ter maior previsibilidade para investimentos futuros e decisões estratégicas que precisam de indicadores em tempo real.

Foto: Banco Philips



O Tasy e os processos mais enxutos



Enfermagem

Texto: **Enfª Mariane Mayer, Analista de Negócios Philips**

Por estar diretamente prestando assistência, a enfermagem pensa no cuidado com foco no paciente e sempre busca conectar as diferentes áreas e especialidades. Para a enfermagem, o cuidado prestado é essencial para a recuperação do paciente, assim como os registros clínicos, que são instrumentos indispensáveis e que facilitam a busca pelas informações, suportando e apoiando a decisão clínica.

Por isso, quando falamos em um processo *Lean* também pensamos em como um sistema de gestão hospitalar pode auxiliar na otimização dos fluxos.

Ao revisitar um processo, talvez as mais simples tarefas desempenhadas pela enfermagem utilizando um sistema de gestão em saúde possam ser melhoradas. O principal objetivo, é claro, é eliminar possíveis falhas e também agilizar o processo. Etapas podem ser reduzidas com simples configurações e também com pequenos ajustes no processo implementado.

O Tasy ajuda os enfermeiros na passagem de plantão, na checagem dos medicamentos, no acesso às metas do cuidado diretamente no sistema, na informatização da SAE (Sistematização da Assistência de Enfermagem), controle de seps, priorização de atendimento, entre outros. Quando a instituição adota uma estratégia de revisar seus processos e utilizar o sistema de gestão hospitalar ao seu favor, cujos benefícios são bem gerenciados e os registros clínicos são bem documentados, a empresa obtém importantes resultados, que contribuem para uma medicina de qualidade e eficiente.

Solicite o e-book sobre como o Tasy ajuda o time de Enfermagem a ter processos mais *Lean*.
Envie email para cilatam@philips.com.br e informe seu nome, profissão e email.



Farmácia

Texto: **Farmacêutica Talitha Makowski, Analista de Negócios Philips**

A farmácia hospitalar é definida como uma unidade clínico-assistencial, técnica e administrativa, onde se processam atividades de assistência farmacêutica que envolvem desde a produção, armazenamento, controle, dispensação, distribuição de medicamentos e correlatos às unidades hospitalares, assim como as atividades relacionadas à farmácia clínica, como a revisão de prescrições e orientação de pacientes visando sempre à eficácia no tratamento proposto com o menor custo.

Dentre as diversas atividades dessa área, a gestão de estoques tem impacto importante na otimização e no uso de recursos da instituição, além de ser peça-chave para contribuir para o sucesso da terapia dos pacientes, pois é o processo que irá garantir que o recurso esteja disponível para quando o paciente precisar. Envolve desde a padronização dos suprimentos utilizados na instituição, com um adequado cadastro de materiais e medicamentos, até a definição da logística dos medicamentos na instituição.

O Tasy é capaz de suportar toda essa cadeia, inclusive permitindo que farmacêuticos clínicos tenham uma ferramenta específica para a gestão dos planos terapêuticos dos pacientes, o que promove maior **agilidade na revisão de prescrições**, uma vez que agrupa todas as prescrições em vigência para o paciente, e auxilia na identificação de medicamentos com doses não recomendadas prescritas, interações medicamentosas, medicamentos de uso próprio do paciente e identificação de medicamentos não padronizados, dentre outros, facilitando o registro de reconciliação medicamentosa e a documentação de demais intervenções realizadas, além de outros benefícios.

Solicite o e-book sobre como o Tasy ajuda o time da Farmácia a ter processos mais *Lean*.
Envie email para cilatam@philips.com.br e informe seu nome, profissão e email.

Na **próxima edição** da revista publicaremos a visão de um médico sobre o processo *Lean* e sobre como a tecnologia pode ser uma forte aliada do profissional médico, transformando o seu fluxo de trabalho. **Aguarde!**

Referência:

1. https://www.iess.org.br/cms/rep/asah_2016.pdf. Acesso em 05/12/2017. - 2. <https://www.lean.org.br/o-que-e-lean.aspx>. Acesso em 02/12/2017.



Precisão e agilidade na radiologia com o IntelliSpace Portal

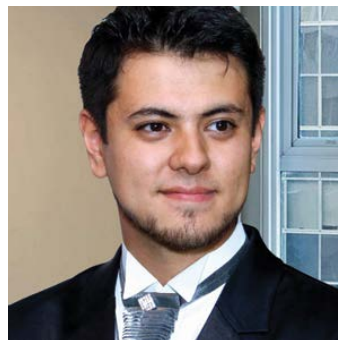
Ferramentas avançadas, *machine learning* e acesso a qualquer hora em qualquer lugar

Texto: Cesar Giannotti e Rafael Nunes Yamashiro

Fotos: Divulgação



Cesar Giannotti
Líder de Marketing e Vendas
na Philips



Rafael Nunes Yamashiro
Especialista Application na Philips

Para um laudo completo ou tomada de decisão coerente, imagens de uma única modalidade adquiridas em uma única data estão longe de ser o suficiente. Contudo, diversos sistemas com múltiplas senhas, diferentes ferramentas limitadas a somente uma workstation de inteligência ultrapassada, em vez de cooperar, dificultam consideravelmente a rotina dos radiologistas. Por esse motivo, a Philips vem investindo ainda mais no aperfeiçoamento e na inovação contínua do sistema, que, por diversas vezes, foi coroado como o melhor de sua categoria. Ferramentas avançadas, *machine learning*, alto poder de customização, economia de tempo, acesso a qualquer hora em qualquer lugar, com um desempenho e uma qualidade única definem o IntelliSpace Portal (ISP), que recebe todas essas qualificações de profissionais que o utilizam ao redor do mundo.

A cada ano um novo *release* do Intellispace Portal é lançado a fim de aprimorar sua tecnologia e agilizar a rotina do usuário. A agilidade e a precisão através da automatização dos processos são o foco. Seu design moderno e intuitivo conduz o radiologista por um fluxo de “passo a passo”. Quando o aplicativo de segmentação do fígado (CT Liver analysis), por exemplo, é iniciado, automaticamente o sistema reconhece a estrutura do fígado, contorna-o nas suas mais discretas curvas e quantifica a volumetria do órgão, essa é a tecnologia “zero-click”. Caso haja alguma lesão, uma ferramenta chamada “findings” permitirá que o especialista clique na lesão e automaticamente, por

diferença de densidade, a lesão seja completamente contornada de forma volumétrica, gerando uma quantificação precisa em segundos. Logo, o passo seguinte já é disponibilizado ao radiologista, conduzindo-o a uma segmentação hepática de 4 a 9 segmentos, de forma precisa e rápida. O volume de cada segmento e a porcentagem gerada da razão entre a lesão e o segmento, na qual ela se encontra, já serão disponibilizadas em uma tabela, pronta para uso no laudo ou armazenamento no PACS. O Bookmark, presente em todos os aplicativos, auxiliará o usuário caso deseje continuar o processamento em outro momento, do estágio em que se encontrava, sem perder nada do que havia realizado.

Ao radiologista especialista em **neurologia**, a Philips trouxe novos aplicativos em sua nona versão (ISP9), já disponível no Brasil. Visando a um sistema cada vez mais completo, o NEURO QUANT, aplicativo terceiro muito apreciado, foi adicionado ao conjunto. Fornece relatórios automáticos de volumetria cerebral, com medidas objetivas de regiões anatômicas do cérebro e comparações à idade e ao gênero saudáveis. Nesse mesmo *release*, foi lançado o LOBI (Longitudinal Brain Imaging). *Layouts* automáticos simplificam comparações entre as aquisições. A nova funcionalidade de subtração ajuda na detecção e visualização de mudanças sutis. Ferramentas de segmentação facilitam a quantificação no fluxo de trabalho para a análise de uma aquisição cerebral subsequente.



Para os especialistas em **coração**, seguindo a mesma ideia dos anteriores, ISP 9 possui diversos aplicativos, dentre eles se destaca a automatização do TAVI (*transcatheter aortic valve implantation*) que está presente em cada “passo a passo”. No momento da abertura do exame, os principais pontos anatômicos são identificados, e devem ser confirmados pelos radiologistas, que guiam para o passo seguinte. Intuitivamente, o usuário prossegue confirmando a inteligência do software na identificação dos planos e estruturas e, em poucos minutos, gera uma tabela completa, informando todas as medidas necessárias do dispositivo a ser implantado.

O MMTT (Multimodality Tumor Tracking) é de grande utilidade para casos **oncológicos**. O poder dessa ferramenta está na na detecção, quantificação e acompanhamento do paciente ao comparar e analisar estudos de CT, RM,

PET/CT e SPECT/CT simultaneamente, gerando cálculos automáticos dos critérios, tabelas e gráficos facilmente exportáveis: iRRC, WHO, RECIST 1.0, RECIST 1.1, Choi, PERCIST e mRECIST.

Estes citados acima são alguns dentre as dezenas de aplicativos do ISP que mergulham no que há de mais avançado nas especialidades. Os benefícios não estão somente em sua qualidade e eficiência, reduzindo o tempo de trabalho do usuário ao processar casos mais complexos, mas também na possibilidade de processamento de exames realizados em máquinas de outras fabricantes além da Philips. Imagine toda essa tecnologia em um único sistema! Agende uma visita e ficaremos felizes em demonstrar o que temos de melhor para radiologia, Intellispace Portal! Envie sua solicitação para ci.latam@philips.com.



Multi Modality Advanced Vessel Analysis (AVA) com ASC
Procedimento manual



50% mais rápido





Compatibilidade intravenosa de medicamentos no Tasy

Suporte à decisão clínica ajuda o profissional a avaliar a compatibilidade intravenosa de medicamentos

Texto: Jacqueline Bitencourte

A terapia intravenosa é utilizada em hospitais em razão da necessidade do rápido início de efeito dos medicamentos e também por barreiras que impeçam a administração por via oral, como necessidade de suporte ventilatório, disfagia (dificuldade para engolir) e especialmente quando há dificuldades na absorção dos fármacos.

As incompatibilidades medicamentosas são reações físico-químicas entre dois ou mais medicamentos *in vitro*, antes que atinja a circulação sanguínea, quando as soluções são misturadas na mesma seringa, equipo ou frasco. As reações físicas são comumente visíveis, desde que manifestem precipitação, mudança de cor ou produção de gás. Por outro lado, a detecção de reações químicas requer técnicas analíticas que indiquem a perda significativa de componentes em razão da mistura dos fármacos. As incompatibilidades podem resultar na redução da efetividade terapêutica e segurança, inativação dos fármacos, formação de um novo composto ativo inócuo ou tóxico, além da possibilidade de mudanças organolépticas.

Pacientes hospitalizados em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) fazem parte de um grupo de alto risco para a ocorrência de incompatibilidades entre medicamentos por causa do grau de complexidade da doença, remetendo a um grande número de medicamentos prescritos. Considerando que a maioria dos medicamentos prescritos na UTI é administrada por via intravenosa, outro problema frequente é o limitado número de vias de acesso venoso, o que dificulta a administração segura dos medicamentos, particularmente quando há infusões contínuas. Nessas circunstâncias, a maioria desses eventos ocorre em Y, por exemplo, quando dois medicamentos incompatíveis são administrados na mesma via ao mesmo tempo. Para que a administração simultânea seja possível, os medicamentos devem ser no mínimo fisicamente compatíveis, uma vez que as reações químicas requerem maior tempo de contato para que haja redução significativa na concentração do fármaco.

Portanto, as equipes assistenciais necessitam de informações rápidas e acuradas no momento da administração, com o objetivo de prevenir incompatibilidades e assegurar a efetividade da terapia medicamentosa prescrita, o que contribui para o sucesso terapêutico e a segurança do paciente.

O Tasy vem, ao longo dos anos, desenvolvendo diversas funcionalidades para ajudar as equipes assistenciais no suporte à decisão clínica, e o sistema cada vez mais auxilia o profissional clínico em diversas fases e pontos estratégicos

do processo e agora inova liberando uma funcionalidade brilhante no ADEP (Administração Eletrônica da Prescrição) em HTML5, em que será possível que os profissionais verifiquem as compatibilidades de todos os medicamentos intravenosos prescritos para administrar no paciente no mesmo horário.

A Compatibilidade IV é uma integração com a Micromedex, uma das maiores provedoras de conteúdo clínico do mundo, com um conteúdo de ponta e altamente atualizado.

Enfermeiros, farmacêuticos e até mesmo médicos poderão acessar ao ADEP em HTML5 e certificar-se de que todos os medicamentos prescritos para o mesmo horário possuem compatibilidade físico-química e em caso negativo poderão

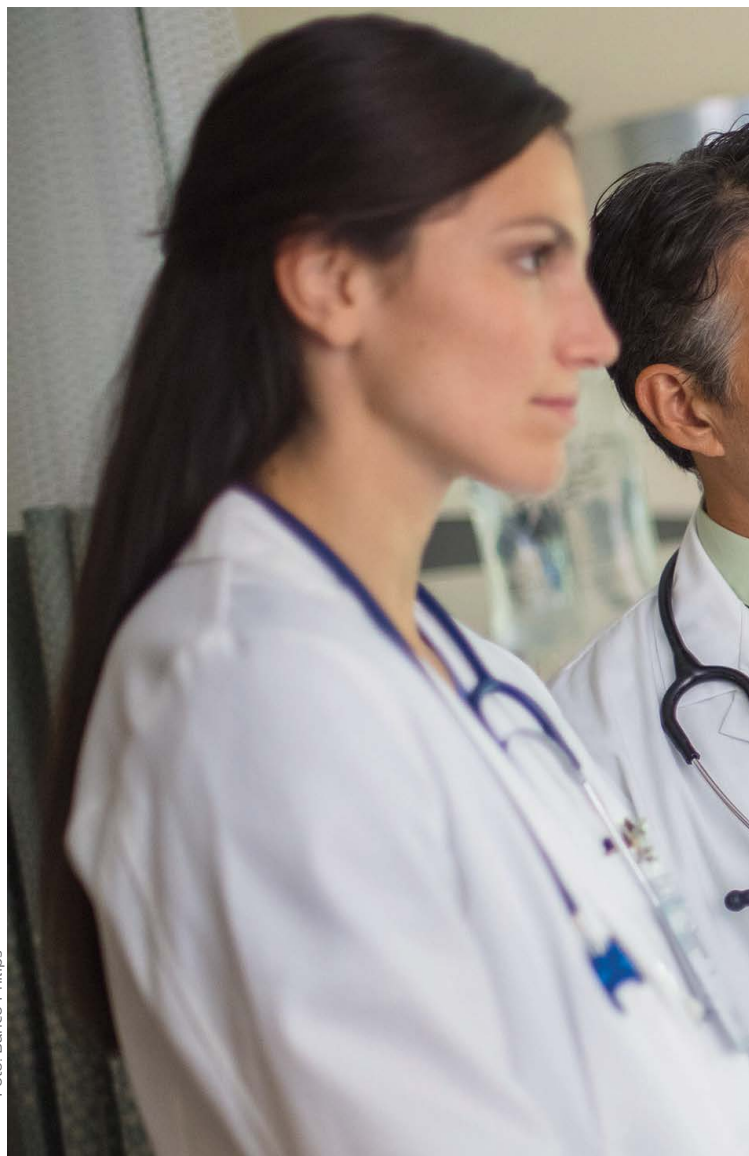


Foto: Banco Philips



tomar decisões que impactarão positivamente na qualidade, segurança e eficácia do tratamento, como reaprazar uma droga incompatível para outro horário, administrar por acessos distintos ou optar por administrar primeiro um medicamento e, somente após lavar o acesso, administrar o segundo.

A ferramenta funcionará de modo simples: o profissional clicará no ícone indicando a integração de Compatibilidade IV com a Micromedex, os ícones serão apresentados em todas as colunas de horários, o sistema gravará todos os medicamentos daquele horário e buscará neste exato momento as informações da biblioteca online e apresentará na tela em formato de matriz os resultados. Ainda possibilitará rápido acesso ao conteúdo referenciado e uma tabela de diluentes compatíveis por droga selecionada.

A compatibilidade será verificada em seringa, conector Y e em mistura na solução.

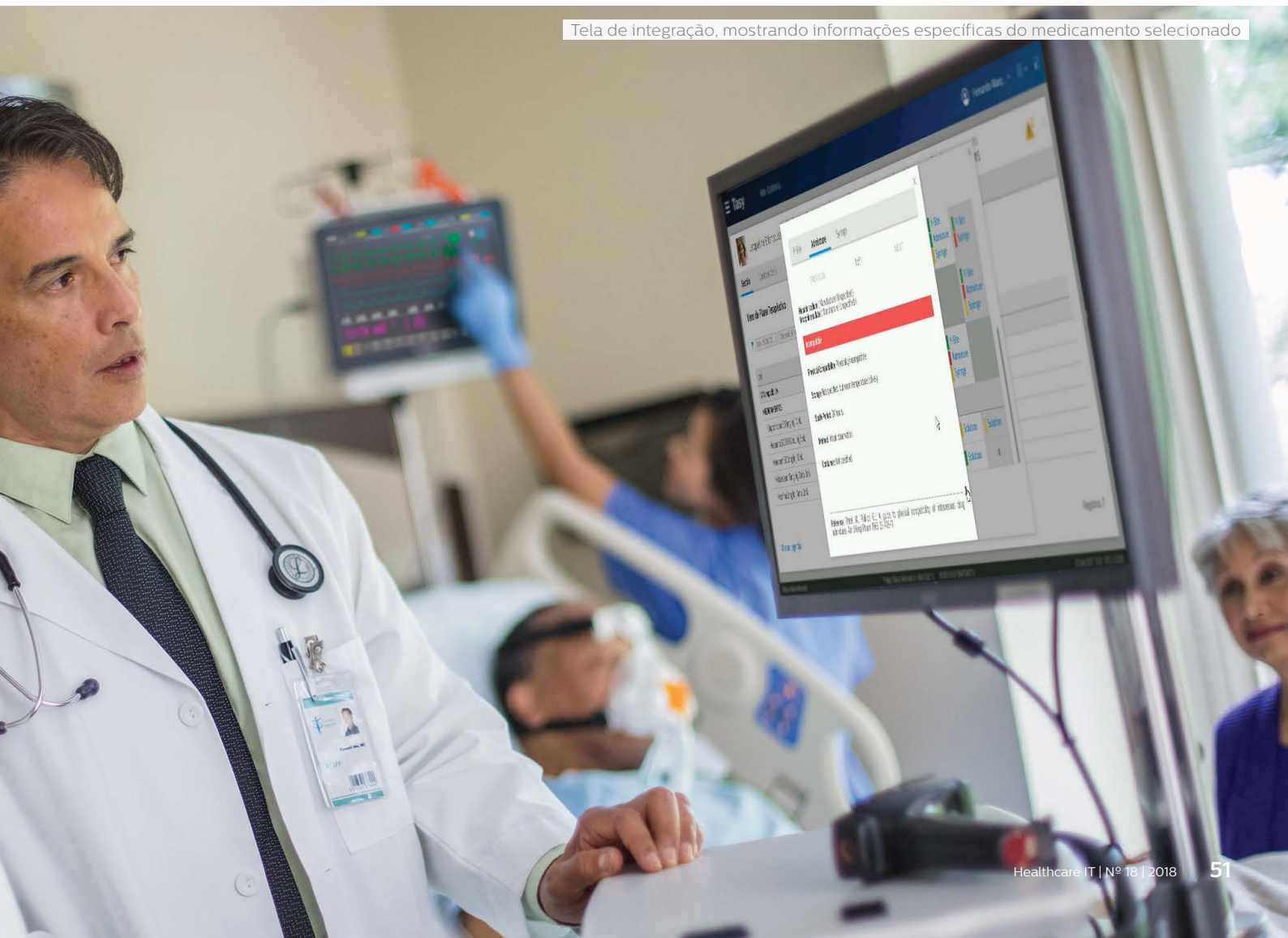
O Tasy orgulha-se em estar há anos auxiliando a equipe clínica em todo seu fluxo de trabalho, colocando sempre a segurança do paciente em foco e agora - de mãos dadas com os usuários - contribuir para diminuir os índices preocupantes de eventos evitáveis dentro das instituições.

Foto: Divulgação



Jacqueline Bitencourte
Farmacêutica e Analista
de Negócios na Philips

Tela de integração, mostrando informações específicas do medicamento selecionado



Tasy para Operadoras de Planos de Saúde: maturidade para o negócio da saúde suplementar

Qualidade da informação e gestão eficaz da carteira de beneficiários

Texto: Fabio Campigotto

Foto: Ayla Evaristo



Fabio Campigotto
Gerente de Desenvolvimento Philips

A alta demanda, o envelhecimento da população e o consequente aumento dos custos traz uma nova perspectiva para as operadoras de planos de saúde em todo o país. Portanto, vigiar custos e gerenciar a sinistralidade da carteira de beneficiários não é mais uma tendência, é uma necessidade.

O mercado tem sofrido mudanças constantes em função dessa elevação dos custos assistenciais impostos pela ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar). Somente nos últimos quatro anos, os custos assistenciais para as operadoras aumentaram em R\$ 46 milhões.¹ Fatores como as liberações de cobertura que a ANS faz anualmente, novos procedimentos que os planos de saúde devem autorizar conforme o contrato de cada beneficiário do plano de saúde e novos procedimentos que não estavam no planejamento das Operadoras de Planos de Saúde tornam os planos cada vez mais caros.

Mas como garantir a saúde financeira da operadora sem agredir o bolso do beneficiário?

Simples. Fortalecer o mercado de saúde suplementar com novos programas de assistência voltados à prevenção, um modelo que coloca em prática a possibilidade de monitorar a saúde das pessoas oferecendo cuidados previamente.

Entendemos que as Operadoras de Plano de Saúde necessitam cuidar da saúde de seus beneficiários com um olhar mais clínico com orientações, programas de qualidade de vida além de oferecer agilidade e segurança em todos os processos que envolvem a saúde de seus beneficiários. Entretanto, o volume de informações e dados é muito grande e torna primordial a necessidade de ter um sistema totalmente integrado entre os setores e processos, assim como os indicadores de gestão são imprescindíveis para a tomada de decisão estratégica do negócio.

Frente ao mercado que agora retoma fôlego e percebe a diminuição de inadimplência e queda no cancelamento de contratos, a Philips não parou de investir continuamente em sua solução específica para o mercado de Saúde Suplementar. O Tasy, uma solução de gestão integrada que contempla todos os processos operacionais e regulatórios, ferramentas de *backoffice* e ferramentas que ampliam a gestão da saúde dos beneficiários como a Medicina Preventiva, está passando por um grande processo de revitalização.

A ferramenta é uma solução completa e 100% integrada para gestão de operadoras médicas, das modalidades de medicinas de grupo e cooperativas médicas, gerenciando com eficácia todas as atividades administrativas, financeiras e operacionais, ao mesmo tempo que melhora o atendimento e a proteção ao beneficiário.

Tasy – maturidade para o negócio da saúde suplementar



Em 2016, a Philips, juntamente com os seus clientes, iniciou um processo de reestruturação do sistema para Operadoras de Planos de Saúde. Esse trabalho resultou em 1,2 mil requisitos de sistema atendidos, por meio de cerca de 9 mil horas de desenvolvimento durante todo o ano de 2017, um trabalho incrível que trouxe maior maturidade ao sistema.

A participação dos clientes durante todo o processo trouxe dados importantes do mercado que transformaram o Tasy para Operadoras de Planos de Saúde em uma solução vencedora e robusta, aderente ao negócio da Saúde Suplementar.

Hoje, com um produto estabilizado e bem posicionado para as necessidades do mercado, a Philips também está migrando o Tasy para Operadoras de Planos de Saúde para a nova versão em HTML5:² aumentando, assim, a experiência do cliente, melhorando a disponibilidade das informações e mitigando os custos dos clientes. Com uma visão de futuro regida pela missão de melhorar a vida das pessoas, investiremos fortemente nesse produto nos próximos dois anos, pois acreditamos que a qualidade da informação e dos dados é primordial para a estratégia de crescimento das operadoras. Aguarde novidades!



Foto: Banco Philips

Fonte dos números:

¹. Anstabnet

². Tasy para Operadoras de Planos de Saúde em HTML5 ainda não está disponível para a venda.



Philips Connect Day 2017

Connect Day 2017 supera todas as expectativas

O **Connect Day** que aconteceu nos dias **4 e 5 de outubro 2017**, em São Paulo, foi um enorme sucesso e reuniu **mais de 400** clientes nos dois dias de evento. Um dos fatores do sucesso foi o conteúdo perspicaz estrategicamente relevante para o público-alvo.



Foto: Divulgação

Consultores Philips com certificação PMP

Foto: Divulgação



André Felipe Steinhöfel, PMP
Consultor de Projetos na Philips

Ser um profissional de gerenciamento de projetos é ter nas mãos a responsabilidade da entrega do produto. Por isso a Philips investe na senioridade desses profissionais.

Em dezembro de 2017, o Consultor André consagrou seus esforços e obteve sua certificação PMP em Curitiba, Paraná. Segundo ele, "A certificação PMP vem ao encontro da metodologia de implantação do Tasy, baseada nas melhores práticas do PMI. Obter a certificação é o reconhecimento do árduo trabalho e o compromisso com a qualidade Philips no gerenciamento de projetos junto aos seus clientes".



Tasy

Solução de gestão em saúde que ajuda os profissionais e instituições a terem processos mais **Lean**. Agilidade, segurança e qualidade nas rotinas hospitalares.



Gostaria de anunciar na revista Healthcare IT?
Entre em contato com giselle.olimpio@philips.com

PHILIPS

Rua 2 de Setembro, 1944 - Bairro Itoupava Norte
Blumenau - SC - CEP 89052-004

